

Desemprego de longa duração como corolário da “Década Neoliberal”: A evolução do desemprego metropolitano entre as décadas de 1990 e 2000+

Lúcia Santos Garcia

*Economista e Coordenadora da Pesquisa de Emprego e Desemprego da Região Metropolitana de Porto Alegre pelo DIEESE
– Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio- Econômicos.*

E-mail: lucia@dieese.org.br

Mario Marcos Sampaio Rodarte

*Doutorando em Demografia e mestre em Economia pelo Cedeplar/UFMG. Coordenador da Pesquisa de Emprego e
Desemprego da Região Metropolitana de Belo Horizonte pelo DIEESE.*

E-mail: mario@dieese.org.br

Thaiz Silveira Braga

*Mestre em Economia pela UNICAMP e Coordenadora da Pesquisa de Emprego e Desemprego da Região Metropolitana de
Salvador pelo DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio- Econômicos.*

E-mail: thaiz@dieese.org.br

Resumo

A investigação sobre a mudança da natureza do desemprego, de curta para longa duração é o principal objetivo desse artigo. De fato, o tempo de procura dos desempregados deve merecer mais atenção pois tornou-se, ao longo dos anos recentes, um dos índices mais resistentes à melhora, mesmo com o crescimento das ocupações pela recuperação econômica. A fonte privilegiada para a análise desse período é a Pesquisa de Emprego e Desemprego, PED (DIEESE/SEADE), que é desenvolvida atualmente em seis importantes regiões metropolitanas do Brasil: São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador, Distrito Federal e Recife. Neste trabalho, a análise centrou-se nas quatro primeiras áreas metropolitanas e teve o intuito de mostrar a abrangência do fenômeno do aumento do tempo de procura, nas grandes cidades brasileiras e nos seus respectivos entornos.

O presente trabalho é composto de quatro partes. A primeira objetivou associar o comportamento do desemprego com os principais acontecimentos econômicos que influíram no mercado de trabalho. Mediante uso de uma periodização definida: de 1996 a 1999, e de 2000 a 2004, na segunda parte desse trabalho, é explicitada a dinâmica de crescimento ocupacional e o comportamento dos vários setores econômicos, formas de inserção e categorias ocupacionais. A terceira parte, núcleo central desse trabalho, procura investigar a origem dos desempregados e a evolução de seu tempo de procura, utilizando da mesma periodização usada na seção anterior. Por fim, como considerações finais, são feitas algumas reflexões sobre os resultados alcançados.

Palavras-chave

mercado de trabalho, tempo de procura, taxa de desemprego, região metropolitana.

⁺ O presente trabalho foi desenvolvido no âmbito da pesquisa “Mercado de Trabalho e Modernização do Setor Terciário Brasileiro”, que foi coordenada pelo DIEESE e CESIT/Unicamp, com o apoio do CNPq. Os autores agradecem o trabalho da equipe técnica do DIEESE/PED, sobretudo, de Edgard Rodrigues Fusaro (PED/RMSP) e de Ana Paula Queirós Sperotto (PED/RMPOA). Os autores também manifestam gratidão à Jussara Maria Januzzi (CEI/FJP), pela acurada revisão do texto. Naturalmente, os autores se responsabilizam por quaisquer incorreções que, porventura, tenham restado.

Introdução

Principal índice sobre o mercado de trabalho, a taxa de desemprego apontou diferentes tendências ao longo do período que se objetiva estudar: meados da década de 1990 até 2004. Após o período de rápida elevação até 1999, a proporção de desempregados na força de trabalho estabilizou-se, flutuando em torno de um patamar elevado até 2004. Mas isso não representou uma estabilidade da situação dos desempregados: pelo crescente tempo de procura por trabalho, aponta-se para a deterioração das suas condições de vida. De fato, o tempo de procura dos desempregados deve merecer mais atenção, pois tornou-se, ao longo dos anos recentes, um dos índices mais resistentes à melhora em cenário de lenta recuperação econômica, o que torna o desemprego uma situação mais aflitiva.

A investigação sobre a mudança da natureza do desemprego, de curta para longa duração é o principal objetivo desse artigo. A fonte privilegiada para a análise desse período é a Pesquisa de Emprego e Desemprego, PED, de metodologia do DIEESE/SEADE, que é desenvolvida atualmente em seis importantes regiões metropolitanas do Brasil: São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador, Distrito Federal e Recife. Neste trabalho, a análise centrou-se nas quatro primeiras áreas metropolitanas e teve o intuito de mostrar a abrangência do fenômeno do aumento do tempo de procura, nas grandes cidades brasileiras e nos seus respectivos entornos.

O presente trabalho é composto de quatro partes. A primeira objetivou associar o comportamento do desemprego com os principais acontecimentos econômicos que influíram no mercado de trabalho. Mediante uso de uma periodização definida: de 1996 a 1999, e de 2000 a 2004, na segunda parte desse trabalho, é explicitada a dinâmica de crescimento ocupacional e o comportamento dos vários setores econômicos, formas de inserção e categorias ocupacionais. A terceira parte, núcleo central desse trabalho, procura investigar a origem dos desempregados e a evolução de seu tempo de procura, utilizando da mesma periodização usada na seção anterior. Por fim, como considerações finais, são feitas algumas reflexões sobre os resultados alcançados.

1. Evolução e discontinuidades das tendências do mercado de trabalho

O surgimento da metodologia da Pesquisa de Emprego e Desemprego está vinculado ao momento de crise econômica no início da década de 1980. Até então, os pólos industriais, principalmente o da região metropolitana de São Paulo, sobretudo nas décadas anteriores de 1960 e 70, vinham estruturando seu mercado de trabalho e absorvendo mais e mais contingentes migratórios de outras regiões do Brasil. A interrupção da dinâmica de crescimento vultoso de postos de trabalho pela crise econômica agravou um problema que era visto como marginal, ou seja, o crescimento do número de pessoas desempregadas, bem como o aumento da demora em se obter uma colocação.

Em decorrência disso, registrou-se nessa época o surgimento de indicadores sobre o mercado de trabalho brasileiro. Mas havia uma clara insatisfação da sociedade pelos dados oficiais, que ao adotar uma metodologia mais afeita a captar o fenômeno do desemprego nos países industrializados, de mercados de trabalho estruturados, acabava por indicar um desemprego baixo, flagrantemente contraditório com o que se intuía do estado de convulsão social decorrente do colapso econômico.

Da experiência pioneira da Pesquisa de Padrão de Vida e Emprego - PPVE¹, foi

¹ Em um dos artigos que discutia o emergente desafio do desemprego, no III Encontro Nacional da ABEP, em 1982, e que utilizou as informações da PPVE-DIEESE, apurava-se que “a força de trabalho desempregada” nos meses de abril a maio de 1981, representava 13,2% da população economicamente ativa na RMS (BARELLI, TROYANO, 1982: 23). Pela Pesquisa Mensal de Emprego (PME-IBGE), em maio de 1982, o desemprego atingia apenas 5,4% da população economicamente ativa. Outro texto do período (TROYANO, MATTOSO &

desenvolvida a metodologia da PED, que além de captar o desemprego aberto, comparável a outros países centrais, procurava investigar formas “camufladas” de desemprego ao utilizar um conceito mais amplo de desocupação, que incluía o desemprego oculto pelo trabalho precário, e o desemprego oculto pelo desalento (QUADRO 1, no Anexo). Sua bem sucedida experiência na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), desde 1985, fez com que a metodologia da PED fosse replicada nas áreas metropolitanas de outros estados do país, principalmente a partir da década de 1990.

Do ano de criação da PED/RMSP até 1989, a taxa de desemprego total reduziu-se de 12,2% da força de trabalho, para 8,7%, sendo esta última, a menor média anual alcançada na série histórica. Isso decorreu do expressivo crescimento da ocupação, 3,5% a.a., superior ao ritmo de crescimento da população em idade ativa (2,2% a.a.) e mesmo da PEA (2,5% a.a.). A partir de então, a taxa de desemprego iniciou trajetória de elevação, em decorrência da desaceleração do ritmo de crescimento das ocupações (TABELA 1).

A sincronia da evolução das taxas de desemprego entre as regiões metropolitanas, observada desde o final da década de 1980, sugere que o mercado de trabalho tinha uma dinâmica muito mais influenciada pelas políticas econômicas nacionais, e menos por determinantes regionais. As especificidades econômicas dos estados estariam relacionadas, quase sempre, com os níveis diferenciados das taxas de desemprego em suas áreas metropolitanas (GRÁFICO 1), embora em períodos maiores, possa-se observar melhora relativa do mercado de trabalho como aconteceu com a região metropolitana de Porto Alegre em relação à de Belo Horizonte, a partir de 1999.

**TABELA 1 - ESTIMATIVAS MÉDIAS DA POPULAÇÃO EM IDADE ATIVA (PIA), POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA (PEA), OCUPADOS, DESEMPREGADOS INATIVOS; E TAXAS DE DESEMPREGO E DE PARTICIPAÇÃO
REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO, 1985/2004**

ESPECIFICAÇÕES	ANOS					VARIÇÃO ANUAL MÉDIA (EM %)			
	1985	1989	1996	1999	2004	89/85	96/89	99/96	04/99
(Em mil pessoas)									
PIA.....	10.787	11.747	13.563	14.445	15.581	2,2	2,1	2,1	1,5
PEA.....	6.505	7.177	8.382	8.985	9.941	2,5	2,2	2,3	2,0
Ocupados.....	5.711	6.553	7.116	7.251	8.082	3,5	1,2	0,6	2,2
Desempregados.....	794	624	1.266	1.734	1.859	-5,8	10,6	11,1	1,4
Inativos.....	4.282	4.570	5.181	5.460	5.640	1,6	1,8	1,8	0,7
(Em %)									
Taxa de participação.....	60,3	61,1	61,8	62,2	63,8	0,3	0,2	0,2	0,5
Taxa de desemprego total.....	12,2	8,7	15,1	19,3	18,7	-8,1	8,2	8,5	-0,6
Aberto.....	7,6	6,5	10,0	12,1	11,6	-3,8	6,3	6,6	-0,8
Oculto.....	4,6	2,2	5,1	7,2	7,1	-16,8	12,8	12,2	-0,3
Pelo Trabalho Precário.....	2,9	1,5	3,8	5,1	5,1	-15,2	14,2	10,3	0,0
Pelo Desalento.....	1,7	0,7	1,3	2,1	1,9	-19,9	9,2	17,3	-2,0

Fontes: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED). IBGE, Censos Demográficos de 1980 e 1991. Nota: Estimativas de 1985 e 1989, feitas através interpolação intercensitária. Elaboração própria.

Ao analisar o desemprego nas regiões metropolitanas com estatísticas mais longevas (São Paulo, Distrito Federal e Porto Alegre), constata-se que a história da década de 1990 é a história do crescimento do desemprego, descontados alguns momentos de tímida recuperação. A evolução da taxa de desemprego da região metropolitana de Salvador, apesar de descontinuada entre 1989 a 1996, corrobora esta afirmação. De outro lado, a evolução da taxa de desemprego das regiões metropolitanas com séries mais jovens (Recife e Belo Horizonte) sugere que o desemprego seria menor no início da década de 1990. Já as pequenas séries interrompidas de Belém e Curitiba mostram níveis baixos de desemprego no início e meados da década, respectivamente, mas apontando no curto período de existência, no caso de

HOFFMANN, 1984) trata mais detidamente as diferenças metodológicas entre a PPVE-DIEESE, PED-SEADE/DIEESE e PME-IBGE.

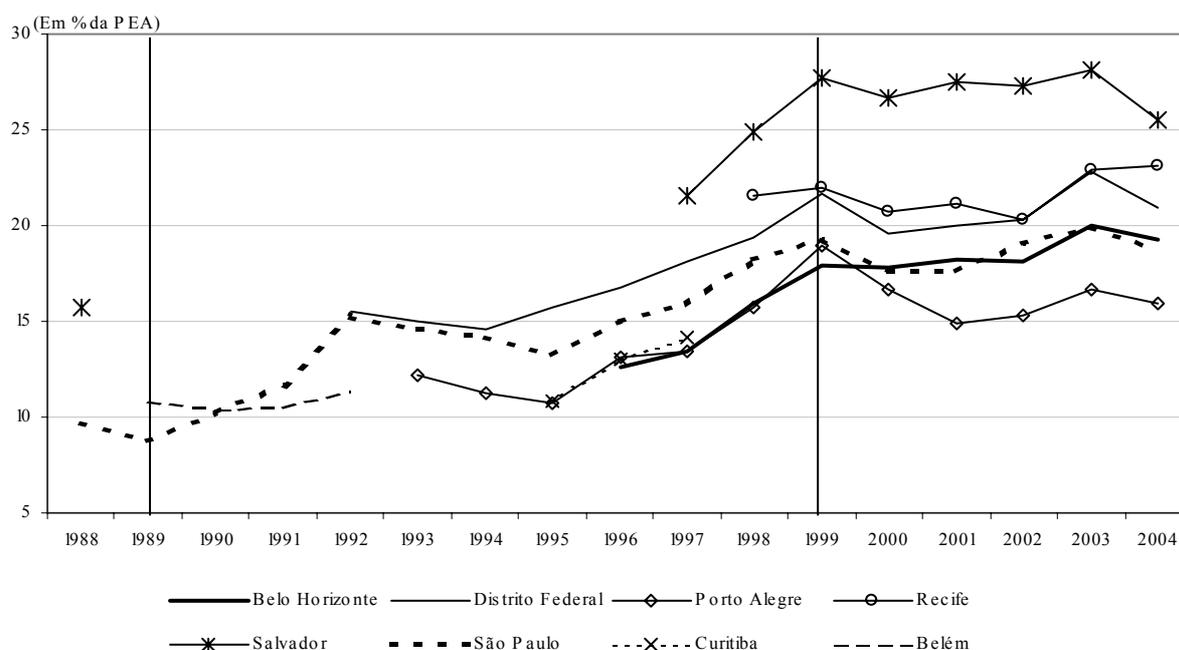
Curitiba, principalmente, para uma trajetória de ascensão da proporção de desempregados na PEA, de 1995 a 1997 (TABELA 4).

A política econômica da década de 1990 pode ser caracterizada brevemente por uma agenda pautada pela abertura comercial acompanhada de austeridade monetária, sem vínculos com qualquer política industrial, com o fim único de estabilização monetária. Os períodos de maior crescimento do desemprego coincidem justamente com os momentos em que essa agenda política mais influenciou negativamente a produção nacional.

O primeiro momento de revés no mercado de trabalho foi o de 1990 a 1992, caracterizado pela primeira tentativa de estabilização econômica, com o “Plano Collor” ou “Brasil Novo”. Nesse período, o PIB havia retraído 4,8%, e a taxa de desemprego na Grande São Paulo ampliou 74,7%, ao passar 8,7%, em 1989, para 15,2% da PEA, em 1992.

O interregno compreendido entre o governo Collor e o primeiro ano do Plano Real, de 1993 a 1995, com uma política monetária mais frouxa, foi o momento em que se verificou crescimento do PIB e redução nas taxas de desemprego sem, contudo, voltar ao nível apresentado no final da década de 1980, para o caso da Grande São Paulo. De fato, nenhuma região metropolitana pesquisada, na década de 90, apresentou taxas de desemprego total de um dígito, tal como observou-se entre 1986 e 1989, na região metropolitana paulista.

**GRÁFICO 1 - MÉDIAS ANUAIS DAS TAXAS DE DESEMPREGO TOTAL
DISTRITO FEDERAL E REGIÕES METROPOLITANAS - 1988-2004**



Fontes: DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED). (TABELA 4).
Elaboração própria.

Entre 1996 e início de 1999, o mercado de trabalho conheceu o lado mais negativo da política de câmbio fixo, seja, o atributo de “importar crises” de outros países, sendo as principais, a do Sudeste Asiático (1997) e a da Rússia (1998). Nessas situações de crise, havia um esgotamento da liquidez do estado anterior, e a manutenção do câmbio era feita elevando as taxas de juros. Se a política cambial já estava irrealista, tornou-se insustentável com esses eventos, o que redundou no colapso cambial e mudança de regime, já em janeiro de 1999. A magnitude da “importação da crise” pode ser sugerida pela escalada do desemprego em todas as regiões metropolitanas analisadas (TABELA 4).

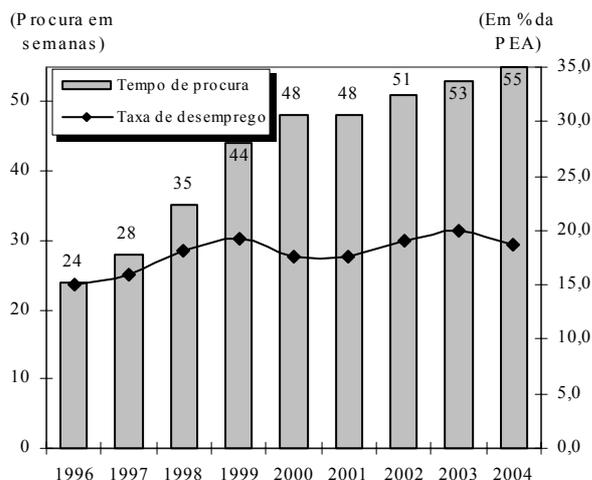
O período pós-Plano Real, na sua primeira formulação, surpreendeu, menos pela reação da atividade econômica, que pela melhora em alguns indicadores do mercado de trabalho,

como a volta ao crescimento mais acelerado do nível ocupacional. Contudo, o ritmo mais célere de criação dos postos de trabalho não resultou na redução da taxa de desemprego, em igual ritmo, sendo que nas áreas metropolitanas pesquisadas, houve uma relativa estabilidade da proporção de desempregados, em patamar muito elevado em relação à década de 1980, e mesmo em comparação com a década de 1990, nos anos que antecederam a debacle definitiva da política de câmbio fixo valorizado. Além disso, o período recente caracterizou-se por um agravamento da situação dos desempregados, com o aumento do tempo médio de procura.

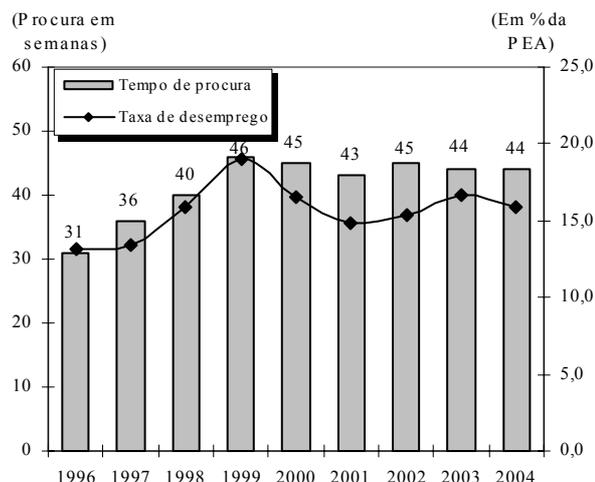
No período anterior, até 1999, tempo médio de procura e taxa de desemprego cresciam em ritmos semelhantes, o que sugeria a relação causal entre ambas variáveis. A partir de então, a evolução expansiva do tempo de procura passou a adquirir certa autonomia, em relação ao comportamento da taxa de desemprego (GRÁFICO 2). Em outras palavras, o tempo de procura tornou-se um indicador mais resistente à melhora no cenário econômico. Isso é mostrado de forma emblemática em dois momentos do período pós-Plano Real: o primeiro, entre 1999 e 2000; e o segundo, entre 2003 e 2004. Em ambos os casos, a recuperação econômica resultou na redução do desemprego, porém acompanhada, curiosamente, de estabilidade, ou mesmo de aumento do tempo de procura. Na Grande São Paulo, por exemplo, o declínio da taxa de desemprego total, entre 1999 e 2000, de 19,3% para 17,6%, foi simultâneo à elevação do tempo de procura, de 44 para 48 semanas.

**GRÁFICO 2 - EVOLUÇÃO DO TEMPO DE PROCURA E DA TAXA DE DESEMPREGO TOTAL
REGIÕES METROPOLITANAS E DISTRITO FEDERAL**

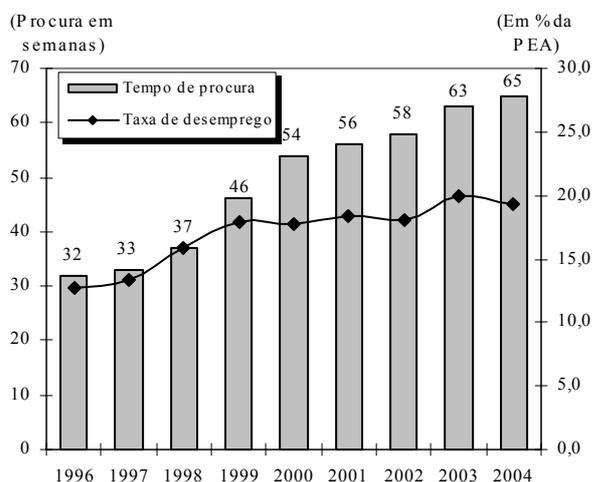
A – SÃO PAULO



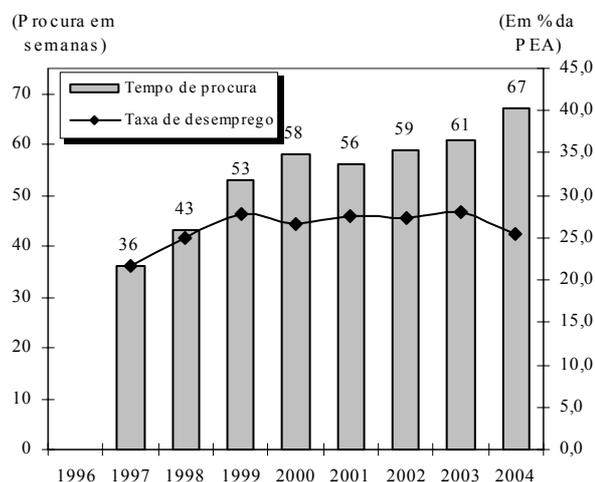
B – PORTO ALEGRE



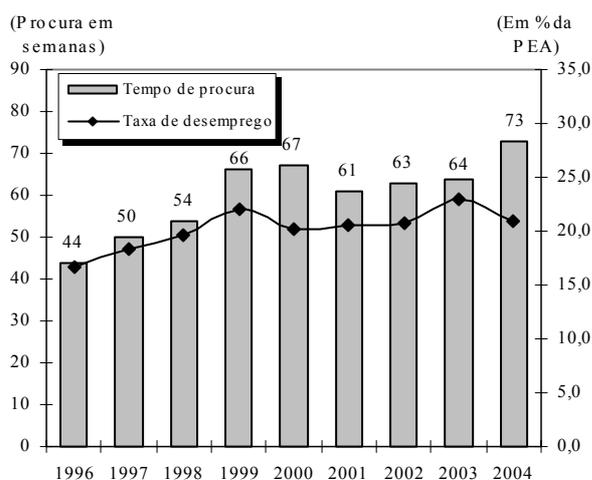
C – BELO HORIZONTE



D – SALVADOR



E – DISTRITO FEDERAL



Fontes: DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED). (TABELA 4).
Elaboração própria.

Mais recentemente, em 2004, a estabilidade monetária, proporcionada pelas elevações constante dos juros e a austeridade fiscal, não se tornaram fatores impeditivos da recuperação do crescimento. O bom desempenho da economia doméstica refletiu o cenário externo favorável, que permitiu que o país se beneficiasse do comércio internacional em expansão e da liquidez externa abundante. Como resultado, as taxas de crescimento dos diversos setores econômicos se sustentaram em patamares elevados, com crescimento do PIB em 3,9%, com resultados positivos sobre a expansão ocupacional. O virtuosismo econômico gerou a esperada redução do desemprego em todas as regiões metropolitanas analisadas, porém com aumento no tempo de procura em todos os casos, com a exceção da Grande Porto Alegre, onde o indicador manteve-se estável.

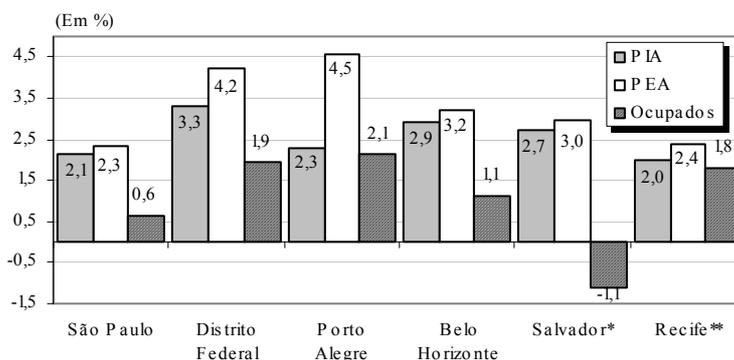
Em busca de mais elementos para analisar as mutações do desemprego, na próxima seção, analisa-se ruptura da evolução do crescimento das ocupações entre o período de 1996 e 1999, e o período posterior, de 2000 a 2004.

2. Dinâmica do crescimento ocupacional

2.1 Período 1996-1999: Crise do mercado de trabalho

Um dos aspectos marcantes na evolução ocupacional, entre 1996 e 1999, foi a baixa capacidade da atividade produtiva em gerar postos de trabalho. Nas seis regiões metropolitanas analisadas, o ritmo de geração de ocupação foi inferior ao crescimento da população em idade ativa (PIA). Na Grande Salvador, o crescimento ocupacional chegou a ser negativo, de 1,1% a.a., entre 1997 e 1999, enquanto que a PIA obtinha incremento de 2,7% a.a. no mesmo período (GRÁFICO 3 e TABELA 6). Na região metropolitana de São Paulo, o crescimento da PIA era menor (2,1% a.a.), mas o incremento ocupacional também era inferior ao ritmo demográfico da PIA (0,6% a.a.). O descompasso do tímido ritmo de crescimento das ocupações em atender às necessidades da sociedade de trabalho tornava-se ainda mais evidente ao analisar crescimento efetivo da força de trabalho (PEA), que era mais acelerado que o aumento da população em idade adulta, devido a mudanças do comportamento da sociedade, como a entrada da mulher no mercado de trabalho. Na área metropolitana da capital gaúcha, o crescimento da PEA era de 4,5% a.a., mas as ocupações cresciam a 2,1% a.a., o que resultava na rápida formação do estoque de desempregados.

GRÁFICO 3 – VARIACIONES ANUAIS MÉDIAS DA POPULAÇÃO EM IDADE ATIVA (PIA), DA POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA (PEA) E DOS OCUPADOS REGIÕES METROPOLITANAS E DISTRITO FEDERAL, 1996/1999



Fontes: DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED). (TABELA 6).

Nota: (*) Salvador: variação entre 1997 e 1999. (**) Recife: variação entre 1998 e 1999. Elaboração própria.

Em relação aos setores de atividade econômica (TABELA 7), um importante movimento que afetou a composição dos ocupados, nesse período, relaciona-se ao decréscimo dos ocupados na indústria, mais acentuado na Grande São Paulo (4,2% a.a.), justamente a área metropolitana mais industrializada, mas também observado nas outras regiões estudadas

(1,5% a.a., em Porto Alegre, 2,6% a.a., em Belo Horizonte; e 1,7% a.a., em Salvador). A desindustrialização, nas regiões de São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte, ocorreu tanto no seus ramos modernos, como nos respectivos segmentos tradicionais, enquanto que na área metropolitana de Salvador, o retração ocupacional havia se circunscrito aos segmentos modernos (6,6% a.a.). Em Salvador e Belo Horizonte, a expansão de postos de trabalho na construção civil compensou em parte a retração na indústria, em ambas as regiões metropolitanas, mas o mesmo não ocorreu, nem em São Paulo, nem em Porto Alegre.

O setor de serviços, por sua vez, cresceu em Porto Alegre (3,2% a.a.), em São Paulo (2,4% a.a.) e em Belo Horizonte (1,6% a.a.), mas retraiu em Salvador (1,0% a.a.). A evolução dos subsetores dos serviços foi bastante diferenciada entre as regiões analisadas, mas existem alguns pontos em comum. Por um lado, o subsetor de serviços distributivos, que tem uma dinâmica muito sensível ao comportamento da demanda, por exemplo, cresceu pouco em Belo Horizonte (1,0% a.a.) e retraiu nas regiões de São Paulo e principalmente de Salvador (5,0% a.a.). Por outro lado, o subsetor de serviços produtivos, provavelmente influenciado pela terceirização, teve crescimento na Grande São Paulo (5,0% a.a.) e nas demais regiões analisadas. Com a exceção da área metropolitana de Salvador, o setor de serviços pessoais, nesse período, absorveu relativamente mais trabalhadores, que em outros segmentos dos serviços.

TABELA 2 - VARIAÇÃO ANUAL MÉDIA DOS OCUPADOS, SEGUNDO SETOR E SUBSETORES DE ATIVIDADE
REGIÕES METROPOLITANAS, 1996/1999/2002/2004
(EM PORCENTAGEM)

ESPECIFICAÇÕES	SÃO PAULO				PORTO ALEGRE				BELO HORIZONTE				SALVADOR			
	99/96	02/99	04/02	04/99	99/96	02/99	04/02	04/99	99/96	02/99	04/02	04/99	99/97	02/99	04/02	04/99
Ocupados.....	0,6	2,4	1,9	2,2	2,1	2,9	1,7	2,4	1,1	3,7	3,6	3,6	-1,1	4,1	3,8	4,0
Indústria.....	-4,2	3,3	-0,5	1,8	-1,5	2,9	1,1	2,2	-2,6	3,9	3,3	3,7	-1,7	4,9	5,0	4,9
Moderna	-5,0	2,8	0,3	1,8	-1,6	2,9	3,6	3,2	-1,8	3,1	5,5	4,0	-6,6	7,3	11,3	8,9
Tradicional.....	-3,4	3,8	-1,1	1,8	-1,5	2,9	-0,6	1,5	-3,3	4,6	1,7	3,5	2,0	3,2	0,9	2,2
Construção civil...	-7,8	7,9	-5,9	2,2	-0,9	-1,9	-1,5	-1,7	5,6	-12,1	-7,5	-10,3	3,1	6,4	-3,7	2,2
Serviços	2,4	2,0	2,7	2,3	3,2	3,2	1,8	2,6	1,6	4,8	4,4	4,6	-1,0	4,2	3,8	4,0
Produtivos.....	5,0	2,7	5,8	3,9	4,6	8,4	-0,9	4,6	2,5	4,3	4,2	4,2	0,9	6,1	2,2	4,5
Distributivos....	-0,1	2,1	1,6	1,9	2,9	1,7	2,8	2,2	1,0	4,9	3,0	4,1	-5,0	4,6	5,4	4,9
Sociais	1,7	2,1	2,6	2,3	1,1	4,3	2,5	3,6	2,9	4,4	6,9	5,4	1,8	3,7	5,4	4,3
Pessoais	3,3	2,2	2,1	2,2	5,1	2,0	-0,5	1,0	2,1	2,7	2,5	2,6	-0,5	3,5	2,9	3,3
Reformas e reparação	3,6	1,3	3,0	2,0	1,8	1,5	4,9	2,9	-5,1	11,1	6,1	9,1	-1,5	2,9	0,5	1,9
Outros serviços	5,1	-1,8	0,0	-1,1	10,1	0,8	0,0	0,5	9,8	5,2	6,8	5,8	2,5	8,7	1,8	5,9
Outros Setores	-7,0	10,4	10,9	10,6	5,3	-17,0	41,4	2,7	-2,4	-5,4	8,7	0,0	-7,8	-13,5	16,8	-2,5
Sem inf.....	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)

Fontes: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

Nota: (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria. Setores e subsetores: ver TABELA 7.

Elaboração própria.

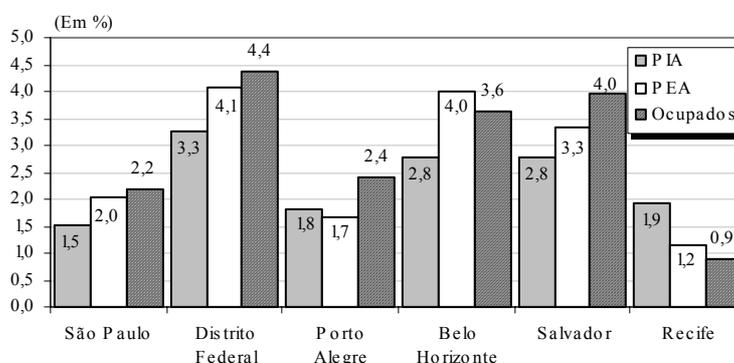
Deve-se observar que nesse momento de crise, as duas formas de inserção com maiores rendimentos se retraíram nas áreas metropolitanas analisadas: que eram os assalariados no setor público (3,6% a.a. na RMPOA, 3,3% a.a., na RMS; 1,6% a.a., na RMBH e 1,4% a.a., na RMSP); e os empregadores (6,7% a.a., na RMS; 2,5% a.a., na RMBH; e 2,0% a.a. em RMSP), com a exceção de Porto Alegre. Tais movimentos sugerem a crise permeando, de um lado, o setor público, e de outro, o número de negócios no setor privado (TABELA 11). Também merece destaque o fato de se ter buscado, nesse período, o uso de formas flexíveis de trabalho, processo em grande parte conhecido como de terceirização, pela subcontratação de assalariados e contratação de autônomos por empresas. Nesse período, o número de assalariados subcontratados no setor privado obtinha incrementos expressivos de 17,1% a.a. em Porto Alegre; 9,8% anuais, na região metropolitana; de 7,9% na RMBH e de 5,9% na RMSP. Com a exceção da área metropolitana de Salvador, o uso da contratação de autônomos nas empresas, uma outra categoria de terceirização, também havia ampliado. Segundo as

categorias ocupacionais (TABELA 13), além da redução ou estagnação do número de empresários, houve retração entre os ocupados não qualificados na execução, nas regiões de Salvador e Belo Horizonte, de serviços gerais, em Salvador e São Paulo; e de serviços de escritório, na Grande Belo Horizonte e na RMSP.

2.2 Período 2000-2004: Moderada recuperação do mercado de trabalho

O ano de 2000 marca a ruptura de tendência da situação do mercado de trabalho em relação ao período anterior. O advento de uma nova fase pode ser caracterizada, basicamente, pelo ritmo célere e consistente de geração de ocupações, e que com a exceção da Grande Recife, foi até mesmo superior ao crescimento da população em idade ativa. De fato, em quatro das seis áreas metropolitanas analisadas, o crescimento do nível ocupacional chegou a ser superior ao elevado crescimento da PEA, o que ocasionou redução do desemprego em relação aos níveis de 1999 (GRÁFICO 4 e TABELA 6).

GRÁFICO 4 – VARIACIONES ANUAIS MÉDIAS DA POPULAÇÃO EM IDADE ATIVA (PIA), DA POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA (PEA) E DOS OCUPADOS REGIÕES METROPOLITANAS E DISTRITO FEDERAL, 1999/2004



Fontes: DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED). (TABELA 6).
Elaboração própria.

Mas essa recuperação, entretanto, foi moderada, na medida em que o incremento ocupacional não reduziu a taxa de desemprego aos níveis de meados da década de 1990. Nesse período a ocupação crescia 2,2% ao ano, enquanto que a PEA aumentava em um ritmo de 2,0% a.a. na RM São Paulo. No Distrito Federal, a PEA crescia 4,1% a.a., mas o incremento ocupacional era ainda maior (4,4% a.a.), pela TABELA 6.

Por setor de atividade, observou-se que a aceleração do crescimento das ocupações decorreu da retomada da capacidade de geração de postos de trabalho de setores que cresciam mais lentamente na fase anterior, ou mesmo que estavam retraindo, como o setor industrial. Nesse último setor, é emblemático o comportamento do subsetor moderno da indústria, na Grande Salvador, que da posição de segundo subsetor que mais encolhia no primeiro período, havia passado a ser o que mais expandia no período 2000-2004, pela TABELA 2. Os segmentos tradicionais da indústria imitaram a evolução do setor moderno, embora em menor intensidade, em todas as regiões metropolitanas, com a exceção de São Paulo, onde o ritmo foi igual ao do setor moderno. Dentre os subsetores que já cresciam no primeiro período, mas que aceleraram a geração de postos de trabalho posteriormente, deve-se mencionar os serviços sociais e os serviços produtivos. O comportamento desses subsetores sugere que o processo de terciarização em curso, na fase mais recente, fosse mais decorrente da complexificação da economia em expansão, do que de uma saturação do setor terciário pela mão de obra expelida do setor industrial, uma vez que os setores que mais expandiam demandavam um trabalho mais qualificado.

A construção civil foi o setor que apresentou as menores taxas de crescimento, ao

desacelerar, no caso de Salvador; e mesmo retraindo seu nível ocupacional, nos casos de Porto Alegre e de Belo Horizonte. Nesse último caso, o comportamento de crescimento de 5,6% a.a., no período 1996-1999, foi substituído por uma dinâmica de expressiva retração de 10,5% a.a., no período 2000-2004 (TABELA 2).

Pela análise da forma de inserção, observou-se que a recuperação moderada do mercado de trabalho também refletiu na retomada da sua formalização, uma vez que se notou crescimento mais expressivo dos trabalhadores assalariados com carteira no setor privado, e em especial, a de Salvador (5,7% a.a.); e na reversão de tendência, de redução para de aumento, entre assalariados no setor público (TABELA 11). Ainda sobre os assalariados no setor privado, com a exceção da Grande São Paulo, deve-se mencionar a desaceleração do crescimento do segmento dos subcontratados, entre os dois períodos, o que sugere o aumento da qualidade desses postos de trabalho.

Embora se tenha mantido positiva a taxa de crescimento dos autônomos, essa expansão foi menos intensa que a média do crescimento das ocupações, com a exceção de São Paulo. Similar ao observado entre os assalariados no setor público, os empregadores, que havia diminuído ao longo do primeiro período, se expandiram na fase subsequente, o que pode estar refletindo o aumento do número de negócios e das iniciativas empreendedoras (TABELA 2). Por categoria ocupacional, observou-se que os maiores incrementos tenderam a ocorrer em grupos de profissões que tinham sofrido menos com o limitado crescimento ocupacional no período anterior, como as ocupações qualificadas e semi qualificadas na execução, e as atividades de planejamento e organização.

3. Evolução do desemprego

3.1 Período 1996-1999: Crise do mercado de trabalho

O recrudescimento do desemprego no período de 1996 a 1999 assumiu características distintas nas regiões metropolitanas analisadas. Nas regiões metropolitanas de São Paulo, Porto Alegre, Salvador e Recife, o aumento do desemprego incidiu mais no seu componente oculto, tanto no desemprego oculto pelo desalento, como no oculto pelo desalento. Na região metropolitana de Belo Horizonte e no Distrito Federal, entretanto, o desemprego aberto havia crescido com maior intensidade (TABELA 6).

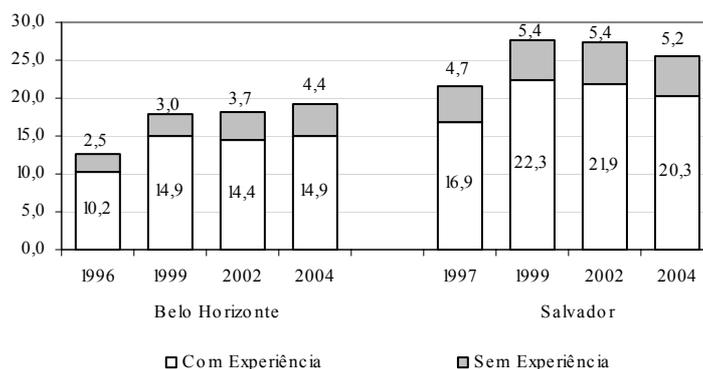
Na análise das regiões metropolitanas de Porto Alegre, Salvador e Belo Horizonte é notório o fato de que o desemprego cresceu no componente das pessoas com experiência anterior de trabalho. Por outro lado, a participação das pessoas sem experiência anterior não havia variado muito, entre 1996 e 1999 (GRÁFICO 5 e TABELA 18).

Dada a maior relevância do movimento do aumento do desemprego das pessoas com experiência anterior, decidiu-se nesse estudo investigar mais detidamente, as origens dos desempregados com experiência, segundo aspectos da sua antiga inserção. Complementa a análise dos ritmos de crescimentos dos setores, o índice de geração de desemprego, que ao relacionar a proporção de desempregados com a proporção de ocupados no mesmo setor, fornece um elemento para se avaliar se o setor está gerando mais desempregados (quando maior que um), ou mesmo contribuindo para não elevar os desempregados (se menor que um)² num período de crescimento do desemprego.

Como a evolução dos ritmos de crescimento da ocupação já sugeriam, eram os subsetores da indústria que apresentavam índices elevados de geração de desemprego, no período 1996-1999. Deve-se ressaltar que já em 1996, esse índice era maior que um, em todas as regiões analisadas, o que sugere um processo de retração já em curso no início do período analisado (TABELA 8).

² Uma exposição mais detalhada sobre o Índice de Geração de Desemprego é encontrada no Informativo CEI (2004: 2), e seu primeiro emprego deu-se no estudo do Informativo PED-RMBH (1996).

**GRÁFICO 5 - COMPOSIÇÃO DA TAXA DE DESEMPREGO, SEGUNDO EXPERIÊNCIA ANTERIOR DE TRABALHO
REGIÕES METROPOLITANAS DE BELO HORIZONTE E SALVADOR – 1996/1999/2002/2004**



Fontes: : Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED). Elaboração própria. Ver TABELA 17).

Apesar do crescimento ocupacional expressivo, a construção civil apresentou elevado índice de geração de desempregados, tendo crescido mais na região metropolitana de Salvador (de 2,2 para 2,6). O oposto ocorreu com o setor de serviços, que manteve o período com índice inferior a um, indicando haver possuído um contingente de ocupados maior, relativamente, que a parcela de desempregados provenientes desse setor. Dentro dos serviços, os subsetores com menores índices foram os sociais (0,5 na RMSP, RMPOA e RMBH), enquanto que os pessoais estavam superior a um (1,3 na Grande Belo Horizonte e em Porto Alegre; e 1,1 nas RMs de Salvador e São Paulo, em 1999).

O cotejamento entre os índices de geração de desemprego (TABELA 8) e a evolução do tempo de procura dos desempregados (TABELA 3) induz a relação positiva entre as duas variáveis, ao longo do período. Esta relação torna-se mais evidente nos setores e subsetores que absorviam mão-de-obra menos qualificada, ou seja, na indústria tradicional, na construção civil (RMSP e RMS, principalmente), nos serviços pessoais, e nas reformas e reparação (RMSP, RMPOA, RMS). Embora os desempregados originários desses setores e subsetores tivessem, no início do período, um tempo de procura menor, o crescimento havia sido mais intenso que nos serviços produtivos e sociais, (que tendiam a absorver mão-de-obra mais qualificada), entre os anos de 1996 e 1999 (TABELA 9).

**TABELA 3 - VARIAÇÃO ANUAL MÉDIA DO TEMPO MÉDIO DE PROCURA DOS DESEMPREGADOS COM EXPERIÊNCIA, SEGUNDO SETOR E SUBSETORES DE ATIVIDADE DO ÚLTIMO TRABALHO
REGIÕES METROPOLITANAS, 1996/1999/2002/2004
(EM PORCENTAGEM)**

ESPECIFICAÇÕES	SÃO PAULO				PORTO ALEGRE				BELO HORIZONTE				SALVADOR			
	99/96	02/99	04/02	04/99	99/96	02/99	04/02	04/99	99/96	02/99	04/02	04/99	99/97	02/99	04/02	04/99
Ocupados.....	24,2	4,8	3,7	4,4	14,5	-1,4	-1,1	-1,3	11,7	9,3	6,5	8,1	21,9	3,5	6,4	4,6
Indústria.....	23,6	5,6	1,7	4,0	15,9	-6,7	1,2	-3,7	11,1	8,9	10,7	9,6	21,5	1,1	6,8	3,3
Moderna	24,5	4,1	3,2	3,8	14,1	-6,5	0,0	-3,9	8,1	13,0	6,3	10,2	13,4	1,0	5,2	2,7
Tradicional.....	23,5	6,4	0,8	4,1	15,6	-7,0	2,4	-3,4	12,3	6,7	13,6	9,4	28,4	1,1	8,4	3,9
Construção civil...	21,3	8,9	5,5	7,6	6,1	9,8	-11,9	0,5	15,8	8,2	11,6	9,5	28,7	0,6	10,5	4,4
Serviços	22,4	5,0	4,8	4,9	15,7	-1,4	0,0	-0,8	11,7	9,3	4,9	7,5	20,8	3,6	6,5	4,7
Produtivos.....	19,8	3,0	2,1	2,6	12,5	-1,4	1,1	-0,4	4,9	7,6	3,5	5,9	21,0	1,1	5,5	2,8
Distributivos....	21,6	3,6	5,8	4,5	16,1	-1,4	1,1	-0,4	11,7	8,0	4,2	6,5	18,3	3,5	5,5	4,3
Sociais	22,8	5,7	-1,7	2,7	15,9	-4,4	5,0	-0,7	10,1	6,0	8,5	7,0	24,4	3,5	3,4	3,4
Pessoais	25,0	6,1	5,9	6,1	10,7	3,1	-3,3	0,5	15,9	14,5	2,4	9,5	23,8	6,1	9,5	7,5
Reformas e reparação	26,9	5,4	5,3	5,4	25,2	-4,1	-6,9	-5,2	10,3	6,6	13,2	9,2	28,7	-0,6	10,1	3,5
Outros serviços	20,1	6,3	7,2	6,6	(1)	-0,6	-2,9	-1,6	(1)	9,0	5,2	7,4	(1)	15,4	2,4	10,0

Fontes: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

Nota: (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria. Setores e subsetores: ver TABELA 7.

Elaboração própria.

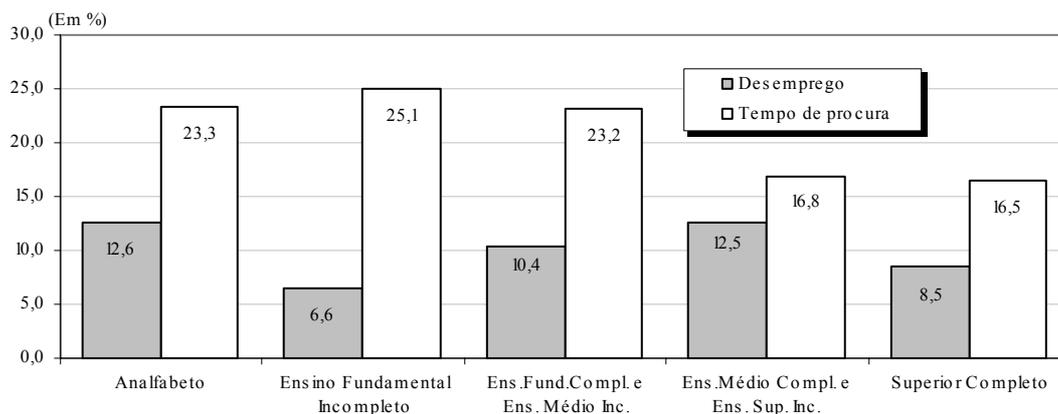
Segundo as categorias ocupacionais, observou-se que as ocupações de baixa qualificação apresentaram índices de geração de desemprego mais elevados que as demais ocupações. No início do período, no grupo de execução, a única categoria com índice superior à unidade eram as ocupações não qualificadas (1,8, na RMSP e RMPOA; 1,9, na RMBH, e 2,0, na RMS), enquanto que nas categorias de apoio, os maiores índices encontravam-se nos serviços gerais (1,4 na RMSP e RMPOA, e 1,5, nas outras duas regiões metropolitanas). Ademais, os índices dessas categorias ampliaram ao longo do período, ou mantiveram-se relativamente estáveis nos seus elevados patamares (TABELA 14).

De forma análoga ao estudo setorial, constatou-se correlação positiva entre os índices de geração de desemprego e o tempo de procura, uma vez que as maiores elevações do tempo de procura incidiram nas ocupações não qualificadas de execução, e nos serviços gerais (TABELA 6). Embora tais segmentos dos desempregados estivessem associados com menores tempo de procura, no início do período, as mudanças ao longo do período atenuaram essa particularidade das ocupações de baixa qualificação.

No período de elevação do desemprego, apesar de indivíduos com atributos pessoais específicos (mulheres, negros, jovens, membros não-chefes de domicílio e indivíduos menos escolarizados) terem sido mais vulneráveis ao desemprego, observou-se também a intensificação do desemprego para homens, chefes de domicílio e indivíduos mais escolarizados (TABELA 18). Conquanto os jovens sofressem mais com o desemprego, a sua incidência, ao longo desses anos, foi maior entre as pessoas de 40 anos e mais.

Pelos movimentos do tempo de procura, pôde-se observar uma maior dificuldade de reinserção de segmentos da PEA que em períodos precedentes, tinham desemprego de menor duração. Essa transformação é mais clara observando os desempregados segundo os níveis de instrução (GRÁFICO 6). Embora o menor tempo de procura, nos anos iniciais, fosse relacionado aos segmentos de menor escolaridade, a ampliação do tempo de procura havia incidido nesse segmento, refletindo o processo de marginalização desse segmento da PEA (TABELA 20). Pôde-se também observar, a elevação do tempo de procura em alguns segmentos associados ao perfil de baixa qualificação, como os negros.

GRÁFICO 6 - VARIAÇÃO ANUAL MÉDIA DA TAXA DE DESEMPREGO E DO TEMPO MÉDIO DE PROCURA, SEGUNDO NÍVEL DE INSTRUÇÃO REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO, 2000-2004



Fontes : Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).
Elaboração própria. Ver TABELA 17.

3.2 Período 2000-2004: Moderada recuperação do mercado de trabalho

A elevação do ritmo de crescimento das ocupações fez com que se reduzisse a taxa de desemprego em quatro áreas metropolitanas analisadas, e desacelerasse o crescimento nas outras duas regiões (de Belo Horizonte, e Recife) em relação ao momento anterior. Com a exceção da RM de São Paulo, a redução do desemprego incidiu exatamente naquelas situações de desemprego que mais tinham se agravado no final da década de 1990.

Assim o desemprego oculto, que tinha crescido mais na Grande Porto Alegre do que o desemprego aberto (19,9% a.a. e 10,0% a.a., respectivamente) entre 1996 e 1999, foi também a taxa de desemprego que mais retraiu (5,5% a.a.), entre 2000 e 2004, refletindo o decréscimo, em especial, do desemprego oculto pelo trabalho precário (6,1% a.a.). No Distrito Federal, por sua vez, a redução da taxa de desemprego total decorreu da diminuição do desemprego aberto (1,9% a.a.), uma vez que o desemprego oculto havia crescido 0,6% a.a., entre 2000 e 2004. No período da crise, o desemprego aberto havia crescido 10,1% a.a., enquanto que o desemprego oculto havia ampliado 9,4% a.a. (TABELA 6).

Entre 2000 e 2004, a recuperação moderada, na maioria dos casos, fez com que o componente das pessoas sem experiência anterior na taxa de desemprego aumentasse em relação ao das pessoas com experiência, refletindo a maior desafia dos entrantes na PEA. Entretanto, a taxa de desemprego continuou a se influenciada principalmente pelo componente dos desempregados com experiência anterior de trabalho (GRÁFICO 5 e TABELA 17).

O índice de geração de desemprego, entre 1999 e 2004, reduziu no setor industrial e elevou ou manteve-se estável no setor de serviços, fazendo com que, ao final do período, em ambos setores o índice indicasse neutralidade, ou valor próximo disso. Mas esse comportamento não eliminou a sua relação positiva com o tempo de procura, observada no período anterior, mais evidente em alguns subsetores. No segmento tradicional da indústria, com índice superior à unidade, o tempo de procura de seus desempregados cresceu 4,1% a.a. na Grande São Paulo. Por outro lado, com baixo índice de geração de desemprego nos serviços sociais e produtivos, os desempregados com experiência anterior nesses setores sofreram ampliação mais atenuada de seus respectivos tempos de procura, na maioria dos casos (TABELA 3). Esses movimentos tiveram como resultado, a maior ampliação do tempo de procura de desempregados oriundos de setores demandantes de mão-de-obra menos

qualificada, que ao início do período de estudo, tinham os menores tempos de procura.

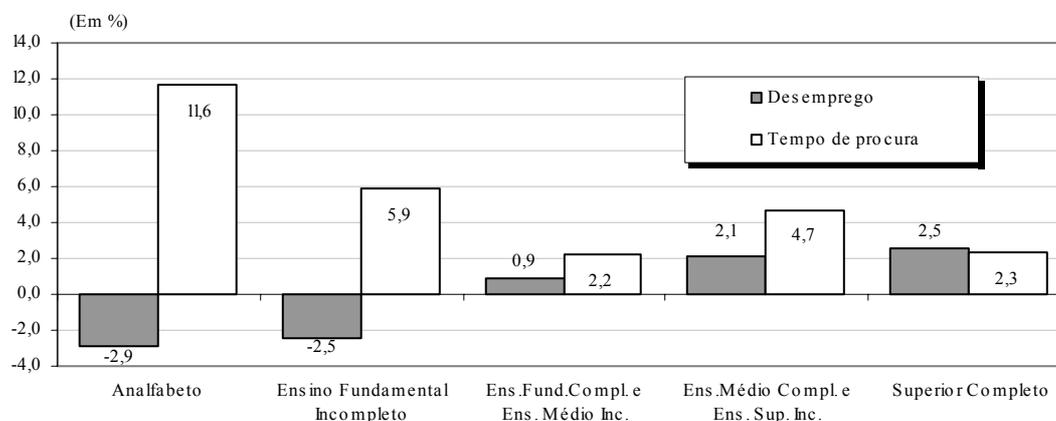
Segundo as categorias ocupacionais, os índices de geração de desemprego no período de 2000 a 2004 reforçaram as tendências já delineadas na fase anterior de maior dificuldade de inserção dos ocupados menos qualificados, uma vez que nas categorias não qualificadas de execução e em serviços gerais, houve crescimento da relação entre a proporção de desempregados que desempenhavam essas ocupações, e os ocupados em atividade (TABELA 14).

Similarmente à análise setorial, observou-se aumento mais intenso do tempo de procura dos desempregados com experiência anterior em trabalhos menos qualificados na execução e no apoio, evidenciando, mais uma vez, a relação entre o maior índice de geração de desemprego e o aumento do tempo de procura em ambas áreas metropolitanas (TABELA 16).

No período de recuperação moderada do mercado de trabalho, evidenciou-se a desassociação da evolução da taxa de desemprego e do tempo de procura, que no período anterior, tinham elevado *pari passu*. Esse novo comportamento não foi observado de forma generalizada entre os vários segmentos da força de trabalho, e de fato, o desvencilhamento entre as dinâmicas das taxas de desemprego e do tempo de procura assumiu maiores proporções entre os segmentos com menor instrução (GRÁFICO 7).

A combinação de maior tempo de procura, com redução do desemprego, nos segmentos mais fragilizados da força de trabalho, exprime o real sentido desse movimento do desemprego, que diminui não pela maior (re)inserção na ocupação, mas sim pela sua expulsão na força de trabalho, ao serem compelidos a entrar na inatividade. Dessa forma, o maior tempo de procura tende a refletir, e consubstanciar, a discriminação desse segmento da sociedade.

GRÁFICO 7 - VARIÇÃO ANUAL MÉDIA DA TAXA DE DESEMPREGO E DO TEMPO MÉDIO DE PROCURA, SEGUNDO NÍVEL DE INSTRUÇÃO REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO, 2000-2004



Fontes : Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).
Elaboração própria. Ver TABELA 17.

Considerações finais

O presente estudo, ao utilizar periodização já delineada em trabalhos anteriores (RODARTE, BRAGA, e QUEIROZ, 2004; e RODARTE, QUEIROZ, 2004), visou aprofundar a investigação sobre a mutação do desemprego ao longo do período entre 1996 e 2004. Apesar de o desemprego manter-se relativamente estável, ou mesmo reduzindo nos anos posteriores a 1999, o tempo de procura manteve trajetória de crescimento, ano após ano.

Buscou-se investigar as razões desse comportamento, que se mostrou relacionado ao

processo de marginalização da PEA menos qualificada. Semelhante fenômeno só pôde ser engendrado pelo contexto histórico definido nos últimos 15 anos: a criação, na década de 1990, de um contingente de desempregados em magnitude sem precedentes na história do país, de um lado; e a modernização dos processos produtivos, de outro, são os principais condicionantes da redefinição do trabalhador ideal requerido pelo mercado de trabalho, de perfil mais qualificado, pois o excesso de oferta de mão-de-obra estimulou a tornar a demanda mais exigente quanto à qualificação, que em parte, foi legitimada pela complexificação do exercício das atividades.

Os desempregados da indústria tradicional, dos serviços pessoais, de reforma e reparação, e em especial, da construção civil, e que exerciam atividades não qualificadas na execução ou nos serviços gerais, parecem ter sido os alvos preferenciais desse recente processo de discriminação. Sob o aspecto dos atributos pessoais, observou-se relação direta entre o aumento do tempo de procura e segmentos dos chefes de domicílios, pessoas com 40 anos e mais, e baixo nível de instrução.

A gravidade desse diagnóstico deve ser apontada em dois aspectos. O primeiro refere-se à “queima de capital humano”, pois o maior tempo de afastamento da profissão reduz gradativamente as aptidões e a destreza pela força do esquecimento e da falta do exercício diário da profissão, além da desatualização das eventuais inovações, por estar alijado do ambiente de trabalho. O segundo aspecto é mais dramático, e foi ressaltado por Fernandes (2002): à medida que prolonga o tempo de procura, vão se exaurindo as fontes próprias de sobrevivência do desempregado. Diante desse fato, torna-se ainda mais evidente a inadequação dos escassos mecanismos de proteção social, como o seguro desemprego, que além de cobrir apenas parte dos desempregados, possuem tempo de abrangência relativamente pequeno, se comparado às recentes estatísticas de tempo médio de procura.

O diagnóstico da situação do mercado de trabalho elegendo como uma das variáveis principais, o tempo médio de procura, deve ser matéria para (re)formulação de políticas públicas visando a melhor identificação dos segmentos marginalizados da força de trabalho, merecedores de atenção especial.

Entretanto, mesmo que haja uma continuação bem sucedida do esforço de escolarização e qualificação de extensa parte da PEA, não se deve concluir que o tempo médio de procura irá, como resposta, diminuir de forma acentuada, pois o maior tempo de procura é um aspecto imanente dos segmentos mais instruídos, pela maior rigidez que tais segmentos já apresentam na readaptação do emprego dos seus conhecimentos às novas oportunidades de trabalho, em cenário de constante mutação e modernização. As evidências mostradas nesse estudo levam a acreditar que se os anos 90 foram conhecidos como o período da escalada do desemprego, a década atual poderá ser identificada por produzir desemprego de longa duração.

Anexos

QUADRO 1 – PRINCIPAIS CONCEITOS DA PED

<p>PIA - População em Idade Ativa: corresponde à população com dez anos ou mais.</p> <p>PEA- População Economicamente Ativa: parcela da PIA ocupada ou desempregada.</p> <p>OCUPADOS - são os indivíduos que:</p> <p>a) possuem trabalho remunerado exercido regularmente;</p> <p>b) possuem trabalho remunerado exercido de forma irregular, desde que não estejam procurando trabalho diferente do atual. Excluem-se as pessoas que, não tendo procurado trabalho, exerceram de forma excepcional algum trabalho nos últimos 30 dias;</p> <p>c) possuem trabalho não-remunerado de ajuda em negócios de parentes, ou remunerado em espécie ou benefício, sem procura de trabalho.</p>	<p>DESEMPREGADOS - São os indivíduos que se encontram numa das seguintes situações:</p> <p>a) Desemprego Aberto: pessoas que procuraram trabalho de modo efetivo nos 30 dias anteriores ao da entrevista e não exerceram nenhum trabalho nos últimos sete dias;</p> <p>b) Desemprego Oculto pelo Trabalho Precário: pessoas que realizam de forma irregular algum trabalho remunerado (ou pessoas que realizam trabalho não-remunerado em ajuda a negócios de parentes) e que procuraram mudar de trabalho nos 30 dias anteriores ao da entrevista, ou que, não tendo procurado neste período, o fizeram até 12 meses atrás;</p> <p>c) Desemprego Oculto pelo Desalento: pessoas que não possuem trabalho e nem procuraram nos últimos 30 dias, por desestímulos do mercado de trabalho ou por circunstâncias fortuitas, mas procuraram efetivamente trabalho nos últimos 12 meses.</p>
--	--

Fontes: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

**TABELA 4 – MÉDIAS ANUAIS DAS TAXAS DE DESEMPREGO TOTAL
DISTRITO FEDERAL E REGIÕES METROPOLITANAS, 1988-2004**

Anos	São Paulo	Distrito Federal	Porto Alegre	Belo Horizonte	Salvador	Recife	Belém	Curitiba
1988	9,7				15,7			
1989	8,7						10,8	
1990	10,3						10,4	
1991	11,7						10,6	
1992	15,2	15,6					11,4	
1993	14,6	15,1	12,2					
1994	14,2	14,6	11,3					
1995	13,2	15,7	10,7					10,8
1996	15,1	16,8	13,1	12,7				13,0
1997	16,0	18,1	13,5	13,4	21,6			14,2
1998	18,3	19,4	15,8	15,9	24,9	21,6		
1999	19,3	21,6	19,0	18,0	27,8	22,0		
2000	17,6	19,6	16,7	17,8	26,6	20,7		
2001	17,6	20,0	14,9	18,3	27,5	21,1		
2002	19,0	20,3	15,4	18,1	27,3	20,4		
2003	19,9	22,9	16,7	20,0	28,1	22,9		
2004	18,7	20,9	15,9	19,3	25,5	23,1		

Fontes: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).
Obs.: Médias anuais obtidas pela média simples das taxas de desemprego trimestrais. Elaboração própria.

**TABELA 5 – ESTIMATIVAS MÉDIAS DA POPULAÇÃO EM IDADE ATIVA (PIA),
POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA (PEA) E INATIVOS; E TAXAS DE DESEMPREGO E
PARTICIPAÇÃO
REGIÕES METROPOLITANAS E DISTRITO FEDERAL, 1996/1999/2002/2004**

Especificações	SÃO PAULO				DISTRITO FEDERAL				PORTO ALEGRE			
	1996	1999	2002	2004	1996	1999	2002	2004	1996	1999	2002	2004
(Em mil pessoas)												
PIA	13.563	14.445	15.148	15.581	1.393	1.536	1.692	1.804	2.669	2.855	3.019	3.123
PEA	8.382	8.985	9.619	9.941	841	953	1.090	1.163	1.457	1.665	1.736	1.807
Ocupados	7.116	7.251	7.791	8.082	701	742	864	920	1.266	1.349	1.470	1.520
Desempregados	1.266	1.734	1.828	1.859	140	210	226	243	191	316	266	287
Inativos	5.181	5.460	5.529	5.640	552	583	602	641	1.212	1.190	1.283	1.316
(Em %)												
Taxa de participação	61,8	62,2	63,5	63,8	60,4	62,0	64,4	64,5	54,6	58,3	57,5	57,9
Taxa de desemprego total	15,1	19,3	19,0	18,7	16,6	22,1	20,8	20,9	13,1	19,0	15,3	15,9
Aberto	10,0	12,1	12,1	11,6	10,8	14,4	12,9	13,1	9,1	12,1	10,0	10,7
Oculto	5,1	7,2	6,9	7,1	5,9	7,7	7,9	7,9	4,0	6,9	5,3	5,2
Pelo Trabalho Precário	3,8	5,1	4,9	5,1	3,2	4,3	4,2	4,2	3,0	4,8	3,4	3,5
Pelo Desalento	1,3	2,1	2,0	1,9	2,7	3,3	3,6	3,7	1,0	2,1	1,9	1,7
Especificações	BELO HORIZONTE				SALVADOR				RECIFE			
	1996	1999	2002	2004	1997	1999	2002	2004	1998	1999	2002	2004
(Em mil pessoas)												
PIA	3.111	3.391	3.683	3.886	2.260	2.385	2.589	2.734	2.657	2.710	2.863	2.980
PEA	1.764	1.940	2.166	2.359	1.354	1.436	1.611	1.692	1.429	1.463	1.523	1.550
Ocupados	1.540	1.593	1.774	1.904	1.061	1.038	1.171	1.261	1.120	1.140	1.214	1.192
Desempregados	224	347	392	455	293	398	440	431	309	323	309	358
Inativos	1.347	1.451	1.517	1.527	906	949	978	1.042	1.228	1.247	1.340	1.430
(Em %)												
Taxa de participação	56,7	57,2	58,8	60,7	59,9	60,2	62,2	61,9	53,8	54,0	53,2	52,0
Taxa de desemprego total	12,7	17,9	18,1	19,7	21,6	27,7	27,3	25,5	21,6	22,1	20,3	23,1
Aberto	7,8	11,8	11,5	12,6	12,4	15,6	16,3	14,9	11,8	11,8	11,2	14,3
Oculto	4,9	6,1	6,6	6,7	9,2	12,1	11,0	10,6	9,8	10,3	9,1	8,8
Pelo Trabalho Precário	3,3	4,3	4,1	4,1	6,0	8,4	7,8	7,6	5,3	5,9	4,7	4,4
Pelo Desalento	1,6	1,8	2,5	2,6	3,2	3,7	3,2	3,0	4,5	4,4	4,4	4,4

Fontes: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

Elaboração própria

**TABELA 6 – VARIAÇÃO ANUAL MÉDIA DA POPULAÇÃO EM IDADE ATIVA (PIA), SEGUNDO
SEGMENTOS DA POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA (PEA) E INATIVOS; E DAS TAXAS DE
DESEMPREGO E PARTICIPAÇÃO
REGIÕES METROPOLITANAS E DISTRITO FEDERAL, 1996/1999/2002/2004
(EM PORCENTAGEM)**

ESPECIFICAÇÕES	SÃO PAULO				DISTRITO FEDERAL				PORTO ALEGRE			
	99/96	02/99	04/02	04/99	99/96	02/99	04/02	04/99	99/96	02/99	04/02	04/99
PIA	2,1	1,6	1,4	1,5	3,3	3,3	3,3	3,3	2,3	1,9	1,7	1,8
PEA	2,3	2,3	1,7	2,0	4,2	4,6	3,3	4,1	4,5	1,4	2,0	1,7
Ocupados	0,6	2,4	1,9	2,2	1,9	5,2	3,2	4,4	2,1	2,9	1,7	2,4
Desempregados	11,1	1,8	0,8	1,4	14,6	2,4	3,7	2,9	18,3	-5,6	3,9	-1,9
Inativos	1,8	0,4	1,0	0,7	1,8	1,1	3,2	1,9	-0,6	2,5	1,3	2,0
Taxa de participação	0,2	0,7	0,2	0,5	0,9	1,3	0,0	0,8	2,2	-0,5	0,3	-0,1
Taxa de desemprego total	8,5	-0,5	-0,8	-0,6	9,9	-2,0	0,2	-1,1	13,2	-7,0	1,9	-3,5
Aberto	6,6	0,0	-2,1	-0,8	10,1	-3,8	0,9	-1,9	10,0	-6,2	3,4	-2,4
Oculto	12,2	-1,4	1,4	-0,3	9,4	1,0	0,2	0,6	19,9	-8,4	-0,9	-5,5
Pelo Trabalho Precário	10,3	-1,3	2,0	0,0	10,9	-0,6	-0,5	-0,5	17,0	-10,9	1,5	-6,1
Pelo Desalento	17,3	-1,6	-2,5	-2,0	7,5	2,9	0,9	2,1	28,1	-3,3	-5,4	-4,1
ESPECIFICAÇÕES	Belo Horizonte				Salvador				Recife			
	99/96	02/99	04/02	04/99	99/97	02/99	04/02	04/99	99/98	02/99	04/02	04/99
PIA	2,9	2,8	2,7	2,8	2,7	2,8	2,8	2,8	2,0	1,8	2,0	1,9
PEA	3,2	3,7	4,4	4,0	3,0	3,9	2,5	3,3	2,4	1,3	0,9	1,2
Ocupados	1,1	3,7	3,6	3,6	-1,1	4,1	3,8	4,0	1,8	2,1	-0,9	0,9
Desempregados	15,7	4,1	7,7	5,6	16,5	3,4	-1,0	1,6	4,5	-1,5	7,6	2,1
Inativos	2,5	1,5	0,3	1,0	2,3	1,0	3,2	1,9	1,5	2,4	3,3	2,8
Taxa de participação	0,3	0,9	1,6	1,2	0,3	1,1	-0,2	0,6	0,4	-0,5	-1,1	-0,8
Taxa de desemprego total	12,1	0,4	4,3	1,9	13,2	-0,5	-3,4	-1,6	2,3	-2,8	6,7	0,9
Aberto	14,8	-0,9	4,7	1,3	12,2	1,5	-4,4	-0,9	0,0	-1,7	13,0	3,9
Oculto	7,6	2,7	0,8	1,9	14,7	-3,1	-1,8	-2,6	5,1	-4,0	-1,7	-3,1
Pelo Trabalho Precário	9,2	-1,6	0,0	-0,9	18,3	-2,4	-1,3	-2,0	11,3	-7,3	-3,2	-5,7
Pelo Desalento	4,0	11,6	2,0	7,6	7,5	-4,7	-3,2	-4,1	-2,2	0,0	0,0	0,0

Fontes: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

Elaboração própria

TABELA 7 - DISTRIBUIÇÃO DOS OCUPADOS, SEGUNDO SETOR E SUBSETORES DE ATIVIDADE, E VARIÁÇÕES ANUAIS
REGIÕES METROPOLITANAS, 1996/1999/2002/2004
(EM PORCENTAGEM)

ESPECIFICAÇÕES	SÃO PAULO				PORTO ALEGRE				BELO HORIZONTE				SALVADOR			
	1996	1999	2002	2004	1996	1999	2002	2004	1996	1999	2002	2004	1997	1999	2002	2004
Ocupados.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria.....	22,6	19,5	20,0	19,1	21,1	18,9	18,9	18,7	16,1	14,4	14,5	14,4	8,3	8,2	8,4	8,6
Moderna	11,3	9,5	9,6	9,3	8,3	7,4	7,4	7,7	7,2	6,6	6,5	6,7	3,7	3,3	3,6	4,1
Tradicional.....	11,3	10,0	10,4	9,8	12,8	11,5	11,5	11,0	8,9	7,8	8,0	7,7	4,6	4,9	4,8	4,5
Construção civil...	3,0	2,3	2,7	2,3	2,9	2,7	2,3	2,2	6,2	7,0	4,3	3,4	3,0	3,3	3,5	3,0
Serviços	73,8	77,7	76,7	78,0	75,5	77,9	78,5	78,6	76,7	77,8	80,3	81,5	86,7	86,9	87,2	87,2
Produtivos.....	11,1	12,6	12,7	13,7	9,3	10,0	11,7	11,1	9,4	9,8	10,0	10,1	10,6	11,0	11,6	11,3
Distributivos....	22,4	21,9	21,7	21,6	21,9	22,4	21,6	22,1	20,8	20,7	21,5	21,2	23,1	21,3	21,6	22,3
Sociais	13	13,4	13,3	13,5	18,3	17,8	18,5	18,8	17,3	18,2	18,6	19,8	20,7	22,0	21,7	22,4
Pessoais	15,7	17,0	16,9	17,0	13,7	14,9	14,5	13,9	18,8	19,4	18,9	18,5	20,7	21,0	20,7	20,3
Reformas e reparação	8,7	9,5	9,2	9,4	9,9	9,8	9,4	10,0	8,0	6,6	8,1	8,5	9,7	9,6	9,3	8,7
Outros serviços	2,9	3,3	2,9	2,8	2,4	3,0	2,8	2,7	2,4	3,1	3,2	3,4	1,9	2,0	2,3	2,2
Outros Setores	0,5	0,4	0,5	0,6	0,5	0,5	0,3	0,5	0,9	0,8	0,6	0,7	1,9	1,6	0,9	1,2
Sem inf.....	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)

Fontes: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

Nota: a presente agregação dos subsectores foi idealizada por Cantú (2004), utilizada por Queiroz (2004) e apresenta a seguinte composição: **indústria moderna:** metal-mecânica, química, farmacêutica e plásticos; **indústria tradicional:** têxtil, vestuário, calçados e artefatos de tecido, alimentação, gráficas e editoras, indústria extrativa mineral, outras indústrias; **serviços produtivos:** créditos e financeiros, comunicações, especializados, auxiliares comércio e administração de valores imobiliários e de imóveis; **serviços distributivos:** transporte e armazenagem, comércio varejista e atacadista; **serviços sociais:** administração pública, forças armadas e polícia; educação; saúde; diversões, radiodifusão e teledifusão; utilidade pública; comunitários; **serviços pessoais:** pessoais; alimentação e doméstico; **reformas e reparação:** reformas e reparações de edificações; oficinas de reparação mecânica; outros serviços de reparação, serviços de limpeza e vigilância.
 Elaboração própria

TABELA 8 - ÍNDICE DE GERAÇÃO DE DESEMPREGO, SEGUNDO SETORES E SUBSETORES DE ATIVIDADE

REGIÕES METROPOLITANAS, 1996/1999/2002/2004

ESPECIFICAÇÕES	SÃO PAULO				PORTO ALEGRE				BELO HORIZONTE				SALVADOR			
	1996	1999	2002	2004	1996	1999	2002	2004	1996	1999	2002	2004	1997	1999	2002	2004
Ocupados.....	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0
Indústria.....	1,2	1,3	1,1	1,1	1,3	1,2	1,0	1,0	1,2	1,2	1,1	1,0	1,4	1,4	1,1	1,1
Moderna	1,1	1,1	1,0	0,9	1,2	1,0	0,9	0,8	1,1	1,2	1,1	0,8	1,2	1,4	0,8	0,8
Tradicional.....	1,4	1,4	1,2	1,3	1,3	1,2	1,1	1,0	1,3	1,2	1,0	1,1	1,5	1,4	1,4	1,4
Construção civil...	1,3	1,8	1,7	1,6	1,7	2,0	1,7	1,5	1,4	1,5	2,0	2,1	2,2	2,6	2,6	2,8
Serviços	0,9	0,9	1,0	1,0	0,9	0,9	1,0	0,0	0,9	0,9	0,9	1,0	0,9	0,9	0,9	0,9
Produtivos.....	0,9	0,8	0,9	0,8	1,1	0,9	0,8	0,9	0,8	0,8	0,8	0,8	1,0	1,0	0,9	1,0
Distributivos....	1,0	1,0	1,0	1,0	1,1	1,0	1,1	1,1	1,1	1,0	1,0	1,1	1,0	1,1	1,0	1,0
Sociais	0,5	0,5	0,6	0,6	0,5	0,5	0,5	0,6	0,5	0,5	0,5	0,5	0,7	0,6	0,5	0,5
Pessoais	1,1	1,1	1,1	1,2	0,9	1,3	1,3	1,5	1,1	1,3	1,3	1,4	1,1	1,1	1,2	1,2
Reformas e reparação	1,1	1,2	1,2	1,2	1,1	1,0	1,0	0,9	0,8	0,8	0,8	0,8	1,0	0,9	1,0	1,1
Outros serviços	0,8	0,8	0,9	0,9	1,0	1,1	1,1	1,2	1,1	1,0	1,0	1,0	(1)	(1)	0,8	0,9
Outros Setores	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)
Sem inf.....	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)

Fontes: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

Nota: (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria. Setores e subsectores: ver TABELA 7.

Elaboração própria.

**TABELA 9 – TEMPO MÉDIO DE PROCURA DOS DESEMPREGADOS COM EXPERIÊNCIA,
SEGUNDO SETORES E SUBSETORES DE ATIVIDADE DO ÚLTIMO TRABALHO
REGIÕES METROPOLITANAS, 1996/1999/2002/2004
(EM SEMANAS)**

ESPECIFICAÇÕES	SÃO PAULO				PORTO ALEGRE				BELO HORIZONTE				SALVADOR			
	1996	1999	2002	2004	1996	1999	2002	2004	1996	1999	2002	2004	1997	1999	2002	2004
Ocupados.....	24	46	53	57	32	48	46	45	33	46	60	68	37	55	61	69
Indústria.....	27	51	60	62	34	53	43	44	35	48	62	76	42	62	64	73
Moderna	28	54	61	65	37	55	45	45	34	43	62	70	49	63	65	72
Tradicional.....	26	49	59	60	33	51	41	43	36	51	62	80	37	61	63	74
Construção civil...	23	41	53	59	31	37	49	38	29	45	57	71	35	58	59	72
Serviços	24	44	51	56	31	48	46	46	33	46	60	66	37	54	60	68
Produtivos.....	25	43	47	49	33	47	45	46	39	45	56	60	41	60	62	69
Distributivos....	25	45	50	56	30	47	45	46	33	46	58	63	40	56	62	69
Sociais	27	50	59	57	36	56	49	54	39	52	62	73	42	65	72	77
Pessoais	21	41	49	55	31	42	46	43	27	42	63	66	30	46	55	66
Reformas e reparação	23	47	55	61	26	51	45	39	35	47	57	73	32	53	52	63
Outros serviços	26	45	54	62	(1)	53	52	49	(1)	51	66	73	(1)	41	63	66
Outros Setores	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)
Sem inf.....	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)

Fontes: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

Nota: (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria. Setores e subsetores: ver TABELA 7.

Elaboração própria.

**TABELA 10 – DISTRIBUIÇÃO DOS OCUPADOS, SEGUNDO POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO
REGIÕES METROPOLITANAS, 1996/1999/2002/2004
(EM PORCENTAGEM)**

ESPECIFICAÇÕES	SÃO PAULO				PORTO ALEGRE				BELO HORIZONTE				SALVADOR			
	1996	1999	2002	2004	1996	1999	2002	2004	1996	1999	2002	2004	1997	1999	2002	2004
Ocupados.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Assalariados Total	63,0	61,4	62,4	62,5	65,6	63,2	65,5	66,2	62,9	61,4	63,7	63,1	56,1	58,5	59,9	59,9
Ass. no Setor Privado	53,9	52,8	54,1	54,0	51,2	51,1	53,3	53,5	49,1	48,8	51,2	50,5	40,0	43,0	45,7	46,0
Subcontratados	2,3	2,7	3,2	3,4	3,8	5,7	6,0	6,5	2,8	3,4	2,8	3,4	4,1	5,1	5,0	6,2
Com Carteira ...	42,5	40,4	40,2	40,2	44,2	42,3	43,3	43,7	39,3	39,1	40,1	40,8	29,2	31,7	33,9	34,4
Sem Carteira....	11,4	12,5	14,0	13,9	7,0	8,8	10,0	9,8	9,8	9,7	11,1	9,8	10,8	11,3	11,8	11,6
Ass. no Setor Público	9,1	8,5	8,2	8,5	14,3	12,0	12,2	12,7	13,7	12,6	12,5	12,6	16,1	15,4	14,2	13,9
Autônomo.....	19,8	21,0	21,6	21,6	17,6	18,9	17,5	17,8	18,9	21,0	20,1	20,6	24,6	23,9	23,1	23,5
Trab. para o Público.....	12,5	12,9	12,9	12,8	12,7	13,6	12,6	12,4	14,4	16,1	15,5	15,2	19,7	19,0	18,9	19,3
Trab. para Empresa.....	7,4	8,1	8,7	8,8	4,9	5,3	4,9	5,4	4,5	4,9	4,6	5,4	4,8	4,9	4,2	4,2
Empregadores.....	5,8	5,4	4,7	4,5	3,7	4,0	4,2	4,1	5,3	4,8	4,8	4,4	4,3	3,9	4,2	4,1
Empreg. Domésticos.....	8,1	8,9	8,6	8,7	7,3	7,6	7,2	6,8	10,0	10,1	9,5	9,3	10,8	10,4	10,1	9,7
Demais.....	3,3	3,3	2,7	2,7	5,8	6,3	5,6	5,1	2,9	2,7	1,9	2,6	4,2	3,3	2,7	2,7

Fontes: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

Elaboração própria.

**TABELA 11 - VARIAÇÃO ANUAL MÉDIA DOS OCUPADOS, SEGUNDO POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO
REGIÕES METROPOLITANAS, 1996/1999/2002/2004
(EM PORCENTAGEM)**

ESPECIFICAÇÕES	SÃO PAULO				PORTO ALEGRE				BELO HORIZONTE				SALVADOR			
	99/96	02/99	04/02	04/99	99/96	02/99	04/02	04/99	99/96	02/99	04/02	04/99	99/97	02/99	04/02	04/99
Ocupados.....	0,6	2,4	1,9	2,2	2,1	2,9	1,7	2,4	1,1	3,7	3,6	3,6	-1,1	4,1	3,8	4,0
Assalariados Total	-0,2	3,0	1,9	2,6	0,9	4,1	2,2	3,4	0,3	4,9	3,1	4,2	1,0	4,9	3,8	4,5
Ass. no Setor Privado	0,0	3,2	1,8	2,6	2,1	4,4	1,8	3,4	0,9	5,3	2,9	4,4	2,6	6,3	4,1	5,4
Subcontratados	5,9	8,3	5,1	7,0	17,1	4,6	6,1	5,2	7,9	-2,5	14,0	3,8	9,8	3,6	15,0	8,0
Com Carteira ...	-1,1	2,3	1,9	2,1	0,7	3,7	2,1	3,1	1,0	4,5	4,5	4,5	3,0	6,5	4,6	5,7
Sem Carteira....	3,8	6,5	1,5	4,4	10,2	7,3	0,7	4,6	0,9	8,3	-2,6	3,8	0,9	5,7	2,9	4,5
Ass. no Setor Público	-1,4	1,1	3,7	2,1	-3,6	3,6	3,5	3,6	-1,6	3,4	4,0	3,6	-3,3	1,2	2,7	1,8
Autônomo.....	2,6	3,4	1,9	2,8	4,6	0,3	2,7	1,2	4,8	2,1	4,8	3,2	-2,5	3,0	4,5	3,6
Trab. para o Público.....	1,7	2,5	1,4	2,1	4,4	0,4	0,8	0,5	4,9	2,4	2,5	2,5	-2,9	3,9	4,9	4,3
Trab. para Empresa.....	4,0	4,7	2,4	3,8	4,6	0,5	6,7	2,9	4,2	1,7	12,1	5,7	0,0	-1,3	4,0	0,8
Empregadores.....	-2,0	-2,1	-0,3	-1,4	4,7	4,7	0,0	2,8	-2,5	3,8	-0,6	2,0	-6,7	7,0	3,0	5,4
Empreg. Domésticos.....	4,0	1,3	2,4	1,7	3,8	1,0	-1,4	0,0	1,5	1,6	2,3	1,9	-3,1	3,0	1,7	2,5

Fontes: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).
Elaboração própria.

**TABELA 12 – DISTRIBUIÇÃO DOS OCUPADOS, SEGUNDO CATEGORIA OCUPACIONAL
REGIÕES METROPOLITANAS, 1996/1999/2002/2004
(EM PORCENTAGEM)**

ESPECIFICAÇÕES	SÃO PAULO				PORTO ALEGRE				BELO HORIZONTE				SALVADOR			
	1996	1999	2002	2004	1996	1999	2002	2004	1996	1999	2002	2004	1997	1999	2002	2004
Ocupados.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Direção e Planejamento	15,7	15,6	13,5	13,7	15,6	13,7	14,7	(2)	16,4	14,3	14,7	13,8	12,8	12,2	12,2	11,7
Empresário, Diretor e Gerente	8,5	8,0	6,5	5,7	9,1	6,6	6,5	(2)	10,0	7,1	6,8	5,8	6,7	5,9	5,6	5,0
Planejamento e Organização.....	7,2	7,6	7,0	8,0	6,5	7,1	8,2	(2)	6,4	7,2	7,9	8	6,1	6,3	6,6	6,7
Execução.....	51,8	52,3	52,9	54,5	54,3	56,4	55,4	(2)	54,4	55,6	54,5	53,9	54,9	53,7	54,8	54,3
Qualificadas.....	8,6	8,4	8,7	9,0	9,0	9,0	10,1	(2)	9,6	10,3	10	10,4	9,6	9,9	10,4	10,5
Semi qualificadas	31,1	31,5	32,0	32,6	31,9	33,1	31,3	(2)	30,4	31,7	32,1	31,7	30,4	29,6	30,4	31,1
Não qualificadas	12,0	12,4	12,1	12,9	13,5	14,3	14,0	(2)	14,4	13,6	12,4	11,8	14,8	14,2	14,0	12,7
Apoio.....	18,9	19,2	19,8	19,9	18,6	18,5	19,0	(2)	20,2	20,3	20,6	21,7	20,5	21,2	20,3	21,1
Não Operacionais.....	6,8	7,6	8,4	8,2	7,4	7,5	8,0	(2)	6,7	6,9	7,7	8,1	6,3	6,9	7,3	7,9
Serviços de escritório.....	5,2	4,7	4,1	4,3	5,0	4,8	4,6	(2)	6,5	5,8	5,5	5,5	6,2	6,7	6,2	6,1
Serviços gerais.	6,8	7,0	7,3	7,4	6,2	6,2	6,4	(2)	7,0	7,6	7,4	8,1	8,0	7,6	6,8	7,1
Mal Definidas.....	13,7	12,8	13,8	12,0	11,5	11,4	10,9	(2)	9,0	9,8	10,2	10,6	11,8	12,9	12,7	12,9

Fontes: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).
Elaboração própria.

**TABELA 13 - VARIAÇÃO ANUAL MÉDIA DOS OCUPADOS, SEGUNDO CATEGORIA OCUPACIONAL
REGIÕES METROPOLITANAS, 1996/1999/2002/2004
(EM PORCENTAGEM)**

ESPECIFICAÇÕES	SÃO PAULO				PORTO ALEGRE				BELO HORIZONTE				SALVADOR			
	99/96	02/99	04/02	04/99	99/96	02/99	04/02	04/99	99/96	02/99	04/02	04/99	99/97	02/99	04/02	04/99
Ocupados.....	0,6	2,4	1,9	2,2	2,1	2,9	1,7	2,4	1,1	3,7	3,6	3,6	-1,1	4,1	3,8	4,0
Direção e Planejamento	0,4	-2,4	2,6	-0,4	-2,1	5,3	-	-	-3,4	4,6	0,4	2,9	-3,4	4,0	1,7	3,1
Empresário, Diretor e Gerente	-1,2	-4,4	-4,6	-4,5	-8,2	2,6	-	-	-9,8	2,3	-4,7	-0,5	-7,3	2,7	-2,3	0,6
Planejamento e Organização.....	2,7	-0,5	9,0	3,2	5,4	8,0	-	-	5,1	6,8	4,2	5,7	0,0	5,8	4,4	5,3
Execução.....	0,9	2,8	3,4	3,0	3,5	2,3	-	-	1,9	3,0	3,0	3,0	-2,2	4,8	3,3	4,2
Qualificadas.....	-0,3	3,7	3,6	3,6	2,0	6,9	-	-	3,5	2,6	5,8	3,8	0,5	5,8	4,0	5,1
Semi qualificadas	1,1	2,9	2,8	2,9	3,4	1,0	-	-	2,6	4,1	3,0	3,6	-2,5	5,1	4,9	5,0
.....																
Não qualificadas	1,6	1,6	5,2	3,0	4,1	2,2	-	-	-0,8	0,5	1,1	0,7	-3,2	3,7	-1,2	1,7
Apoio.....	1,2	3,5	2,1	2,9	2,1	3,7	-	-	1,3	4,2	6,4	5,0	0,5	2,7	5,7	3,9
Não	4,1	6,0	0,7	3,8	2,4	5,3	-	-	2,2	7,6	6,0	7,0	3,7	5,7	8,5	6,8
Operacionais.....																
Serviços de escritório.....	-3,1	-1,8	4,4	0,6	1,0	1,5	-	-	-2,7	2,1	3,5	2,7	3,0	1,4	2,7	1,9
Serviços gerais.	1,4	4,0	2,5	3,4	2,5	3,8	-	-	3,9	2,7	8,4	4,9	-3,6	0,4	6,1	2,6

Fontes: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).
Elaboração própria.

**TABELA 14 – ÍNDICE DE GERAÇÃO DE DESEMPREGO, SEGUNDO CATEGORIA OCUPACIONAL
REGIÕES METROPOLITANAS, 1996/1999/2002/2004**

ESPECIFICAÇÕES	SÃO PAULO				PORTO ALEGRE				BELO HORIZONTE				SALVADOR			
	1996	1999	2002	2004	1996	1999	2002	2004	1996	1999	2002	2004	1997	1999	2002	2004
Ocupados.....	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0
Direção e Planejamento	0,3	0,3	0,3	0,3	0,3	0,3	0,3	-	0,3	0,3	0,3	0,3	0,3	0,3	0,2	0,2
Empresário, Diretor e Gerente	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	0,3	0,3	-	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)
Planejamento e Organização.....	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	0,3	0,3	-	(1)	(1)	(1)	(1)	0,4	(1)	(1)	(1)
Execução.....	1,1	1,1	1,1	1,1	1,0	1,0	1,0	-	1,2	1,2	1,2	1,2	1,2	1,2	1,2	1,2
Qualificadas.....	0,8	0,7	0,7	0,6	0,6	0,6	0,5	-	0,8	0,7	0,7	0,6	0,7	0,7	0,6	0,6
Semi qualificadas	1,0	0,9	0,9	0,9	1,0	0,9	0,9	-	1,0	0,9	0,9	0,9	0,9	1,0	1,0	1,0
.....																
Não qualificadas	1,8	1,8	1,9	1,8	1,4	1,5	1,5	-	1,9	2,1	2,2	2,4	2,0	2,1	2,2	2,4
Apoio.....	0,0	1,2	1,1	1,1	1,2	1,1	1,2	-	1,2	1,2	1,2	1,1	1,3	1,2	1,1	1,1
Não	1,1	1,1	1,0	1,0	1,0	0,9	0,9	-	1,0	1,1	1,0	1,0	1,2	1,1	1,1	0,9
Operacionais.....																
Serviços de escritório.....	0,9	1,0	1,0	1,0	1,3	1,2	1,3	-	1,0	1,0	1,1	1,0	1,0	0,9	0,7	0,8
Serviços gerais.	1,4	1,4	1,3	1,4	1,4	1,4	1,4	-	1,5	1,5	1,4	1,1	1,5	1,4	1,5	1,4
Mal Definidas.....	1,1	1,1	1,1	1,2	1,5	1,5	1,6	-	0,8	0,8	0,8	0,8	0,4	0,4	0,5	0,6

Fontes: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

Nota: (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Elaboração própria.

**TABELA 15 – TEMPO MÉDIO DE PROCURA DOS DESEMPREGADOS COM EXPERIÊNCIA,
SEGUNDO CATEGORIA OCUPACIONAL DO ÚLTIMO TRABALHO
REGIÕES METROPOLITANAS, 1996/1999/2002/2004
(EM SEMANAS)**

ESPECIFICAÇÕES	SÃO PAULO				PORTO ALEGRE				BELO HORIZONTE				SALVADOR			
	1996	1999	2002	2004	1996	1999	2002	2004	1996	1999	2002	2004	1997	1999	2002	2004
Ocupados.....	24	46	53	57	31	47	46	44	33	46	60	68	37	55	61	69
Direção e Planejamento	34	50	49	60	39	59	47	(2)	42	53	57	73	50	65	71	76
Empresário, Diretor e Gerente	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	55	53	(2)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)
Planejamento e Organização.....	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	63	41	(2)	(1)	(1)	(1)	(1)	50	(1)	(1)	(1)
Execução.....	23	45	55	59	32	46	46	(2)	32	46	62	69	34	53	58	69
Qualificadas.....	26	50	60	60	37	56	50	(2)	36	49	59	76	35	64	62	66
Semi qualificadas	24	45	57	62	31	47	47	(2)	35	47	62	70	37	55	60	70
.....																
Não qualificadas	22	44	52	57	31	42	45	(2)	27	45	63	68	31	48	55	68
Apoio.....	26	47	50	55	31	51	46	(2)	34	46	60	67	42	62	67	72
Não	28	45	44	51	34	51	42	(2)	33	45	56	57	41	60	62	66
Operacionais.....																
Serviços de escritório.....	27	48	49	56	30	51	44	(2)	40	46	62	70	47	69	67	71
Serviços gerais.	25	48	56	58	30	50	51	(2)	32	47	61	75	40	59	70	77
Mal Definidas.....	23	45	49	49	28	45	42	(2)	30	43	53	58	38	50	58	62

Fontes: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

Nota: (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria. (2) Dados não disponíveis.

Elaboração própria.

**TABELA 16 - VARIAÇÃO ANUAL MÉDIA DO TEMPO MÉDIO DE PROCURA DOS DESEMPREGADOS COM
EXPERIÊNCIA,
SEGUNDO CATEGORIA OCUPACIONAL DO ÚLTIMO TRABALHO
REGIÕES METROPOLITANAS, 1996/1999/2002/2004
(EM PORCENTAGEM)**

ESPECIFICAÇÕES	SÃO PAULO				PORTO ALEGRE				BELO HORIZONTE				SALVADOR			
	99/96	02/99	04/02	04/99	99/96	02/99	04/02	04/99	99/96	02/99	04/02	04/99	99/97	02/99	04/02	04/99
Desempregados ...	24,2	4,8	3,7	4,4	14,5	-1,4	-1,1	-1,3	11,7	9,3	6,5	8,1	21,9	3,5	6,4	4,6
Direção e Planejamento	13,7	-0,7	10,7	3,7	14,8	-7,3	-	-	8,1	2,5	13,2	6,6	14,0	3,0	3,5	3,2
Empresário, Diretor e Gerente	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	-1,0	-	-	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)
Planejamento e Organização.....	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	-13	-	-	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)
Execução.....	25,1	6,9	3,6	5,6	12,9	0,0	-	-	12,9	10,5	5,5	8,4	24,9	3,1	9,1	5,4
Qualificadas.....	24,4	6,3	0,0	3,7	14,8	-3,7	-	-	10,8	6,4	13,5	9,2	35,2	-1,1	3,2	0,6
Semi qualificadas	23,3	8,2	4,3	6,6	14,9	0,0	-	-	10,3	9,7	6,3	8,3	21,9	2,9	8,0	4,9
.....																
Não qualificadas	26,0	5,7	4,7	5,3	10,7	2,3	-	-	18,6	11,9	3,9	8,6	24,4	4,6	11,2	7,2
Apoio.....	21,8	2,1	4,9	3,2	18,1	-3,4	-	-	10,6	9,3	5,7	7,8	21,5	2,6	3,7	3,0
Não	17,1	-0,7	7,7	2,5	14,5	-6,3	-	-	10,9	7,6	0,9	4,8	21,0	1,1	3,2	1,9
Operacionais.....																
Serviços de escritório.....	21,1	0,7	6,9	3,1	19,3	-4,8	-	-	4,8	10,5	6,3	8,8	21,2	-1,0	2,9	0,6
Serviços gerais.	24,3	5,3	1,8	3,9	18,6	0,7	-	-	13,7	9,1	10,9	9,8	21,4	5,9	4,9	5,5

Fontes: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

Elaboração própria.

**TABELA 17 – TAXAS DE DESEMPREGO, SEGUNDO ATRIBUTOS PESSOAIS
REGIÕES METROPOLITANAS, 1996/1999/2002/2004
(EM PORCENTAGEM)**

ESPECIFICAÇÕES	SÃO PAULO			PORTO ALEGRE			BELO HORIZONTE			SALVADOR		
	1996	1999	2004	1996	1999	2004	1996	1999	2004	1997	1999	2004
Total	15,1	19,3	18,7	13,1	19,0	15,9	12,7	17,9	19,3	21,6	27,7	25,5
Sexo												
Homens	13,5	17,3	16,3	12,4	16,7	13,1	11,5	15,9	16,8	20,1	25,8	23,2
Mulheres.....	17,2	21,7	21,5	14,1	21,9	19,1	14,2	20,4	21,9	23,3	29,9	28,0
Cor												
Negra.....	19,2	24,3	22,5	17,5	26,4	23,2	14,6	19,4	21,2	22,7	29,1	26,9
Não-negra.....	13,0	16,8	16,4	12,5	18,0	14,9	10,8	16,3	16,4	17,0	21,2	18,4
Posição no Domicílio												
Chefe	8,5	11,8	10,3	8,4	12,2	9,0	6,8	10,1	10,2	13,0	17,9	15,7
Demais	19,9	24,8	24,8	17,3	24,7	21,5	16,5	23,0	25,0	27,1	33,9	31,8
Cônjuge.....	14,5	19,0	18,4	10,9	17,5	14,8	10,9	16,9	18,8	19,9	26,4	23,7
Filho	24,4	29,5	29,6	23,2	30,9	27,4	20,3	27,3	29,1	34,0	40,7	38,1
Outros.....	17,2	22,9	24,2	15,4	25,3	21,4	13,2	19,0	22,8	21,2	27,5	28,2
Faixa Etária												
De 10 a 14 Anos.....	44,3	49,7	44,5	36,7	60,8	(1)	42,0	48,4	51,2	31,6	41,3	(1)
De 15 a 17 Anos.....	38,7	48,7	53,5	33,9	50,1	50,4	34,0	44,4	57,9	43,1	53,5	50,6
De 18 a 24 Anos.....	21,0	27,5	29,2	21,0	28,1	26,4	19,2	28,3	30,8	32,7	41,4	41,8
De 25 a 39 Anos.....	11,9	15,4	14,6	11,1	15,6	13,3	9,9	14,5	15,4	18,2	24,2	22,6
De 40 Anos e mais	8,3	12,2	11,4	7,4	12,2	8,9	5,7	9,2	10,5	11,8	15,8	14,1
Nível de Instrução												
Analfabeto.....	14,3	20,4	17,6	15,9	21,8	(1)	9,6	15,7	(2)	18,1	24,1	21,5
Ensino Fundamental Incompleto.....	18,1	21,9	19,3	15,1	22,2	17,8	15,2	20,8	21,1	25,5	32,6	28,2
Ens.Fund.Compl. e Ens. Médio Incompleto..	18,9	25,4	26,6	15,0	22,9	21,7	14,9	22,3	27,0	27,3	35,7	34,3
Ens.Médio Compl. e Ens. Sup. Incompleto...	11,3	16,1	17,9	10,7	15,0	13,8	9,1	14,5	17,6	17,3	22,4	24,1
Superior Completo.....	4,7	6,0	6,8	3,8	6,2	5,2	3,8	5,2	5,9	6,6	7,9	7,2
Experiência anterior de trabalho (composição da taxa de desemprego)												
Com Experiência.....	13,2	16,7	15,8	11,1	15,4	13,0	10,2	14,9	14,9	16,9	22,3	20,3
Sem Experiência	1,9	2,6	2,8	2,0	3,6	2,9	2,5	3,0	4,4	4,7	5,4	5,2

Fontes: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

Elaboração própria.

**TABELA 18 – VARIÇÃO ANUAL MÉDIA DAS TAXAS DE DESEMPREGO, SEGUNDO ATRIBUTOS PESSOAIS
REGIÕES METROPOLITANAS, 1996/1999/2002/2004
(EM PORCENTAGEM)**

ESPECIFICAÇÕES	SÃO PAULO		PORTO ALEGRE		BELO HORIZONTE		SALVADOR	
	99/96	04/99	99/96	04/99	99/96	04/99	99/96	04/99
Total	8,5	-0,6	13,2	-3,5	12,1	1,5	13,2	-1,6
Sexo								
Homens	8,6	-1,2	10,4	-4,7	11,4	1,1	13,3	-2,1
Mulheres.....	8,1	-0,2	15,8	-2,7	12,8	1,4	13,3	-1,3
Cor								
Negra.....	8,2	-1,5	14,7	-2,6	9,9	1,8	13,2	-1,6
Não-negra.....	8,9	-0,5	12,9	-3,7	14,7	0,1	11,7	-2,8
Posição no Domicílio								
Chefe	11,6	-2,7	13,2	-5,9	14,1	0,2	17,3	-2,6
Demais	7,6	0,0	12,6	-2,7	11,7	1,7	11,8	-1,3
Cônjuge.....	9,4	-0,6	17,1	-3,3	15,7	2,2	15,2	-2,1
Filho	6,5	0,1	10,0	-2,4	10,4	1,3	9,4	-1,3
Outros.....	10,0	1,1	18,0	-3,3	12,9	3,7	13,9	0,5
Faixa Etária								
De 10 a 14 Anos.....	3,9	-2,2	18,3	-	4,8	1,1	14,3	-
De 15 a 17 Anos.....	8,0	1,9	13,9	0,1	9,3	5,5	11,4	-1,1
De 18 a 24 Anos.....	9,4	1,2	10,2	-1,2	13,8	1,7	12,5	0,2
De 25 a 39 Anos.....	9,0	-1,1	12,0	-3,1	13,6	1,2	15,3	-1,4
De 40 Anos e mais	13,7	-1,3	18,1	-6,1	17,3	2,7	15,7	-2,3
Nível de Instrução								
Analfabeto.....	12,6	-2,9	11,1	-	17,8	-	15,4	-2,3
Ensino Fundamental Incompleto.....	6,6	-2,5	13,7	-4,3	11,0	0,3	13,1	-2,9
Ens.Fund.Compl. e Ens. Médio Incompleto..	10,4	0,9	15,1	-1,1	14,4	3,9	14,4	-0,8
Ens.Médio Compl. e Ens. Sup. Incompleto...	12,5	2,1	11,9	-1,7	16,8	4,0	13,8	1,5
Superior Completo.....	8,5	2,5	17,7	-3,5	11,0	2,6	9,4	-1,8
Experiência anterior de trabalho (composição da taxa de desemprego)								
Com Experiência.....	8,2	-1,1	11,5	-3,3	13,5	0,0	14,9	-1,9
Sem Experiência	11,0	1,5	21,6	-4,2	6,3	8,0	7,2	-0,8

Fontes: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED). Elaboração própria.

**TABELA 19 – TEMPO MÉDIO DE PROCURA DE TRABALHO DOS DESEMPREGADOS, SEGUNDO ATRIBUTOS PESSOAIS
REGIÕES METROPOLITANAS, 1996/1999/2002/2004**
(EM SEMANAS)

ESPECIFICAÇÕES	SÃO PAULO			PORTO ALEGRE			BELO HORIZONTE			SALVADOR		
	1996	1999	2004	1996	1999	2004	1996	1999	2004	1997	1999	2004
Total	24	44	55	31	47	44	32	46	65	36	53	67
Sexo												
Homens	24	45	56	30	46	42	31	44	61	34	51	65
Mulheres.....	23	44	55	33	48	46	34	47	68	37	55	69
Cor												
Negra.....	23	45	53	28	50	46	31	46	64	36	54	68
Não-negra.....	24	44	56	32	46	44	34	46	65	38	51	60
Posição no Domicílio												
Chefe.....	27	52	69	31	53	47	35	49	75	43	62	79
Demais	23	42	51	32	45	43	31	45	62	34	50	63
Cônjuge.....	25	48	64	36	54	52	40	52	83	43	63	76
Filho.....	22	40	46	31	41	40	30	43	56	32	47	60
Outros.....	19	37	45	26	40	39	26	41	53	30	46	59
Faixa Etária												
De 10 a 14 Anos.....	11	20	21	12	23	(1)	19	25	26	14	17	(1)
De 15 a 17 Anos.....	18	31	30	26	32	26	24	35	37	21	29	33
De 18 a 24 Anos.....	21	40	46	29	40	40	28	41	56	30	44	55
De 25 a 39 Anos.....	26	46	60	32	50	47	36	49	70	42	63	76
De 40 Anos e mais.....	33	61	81	41	64	59	47	60	95	52	72	92
Nível de Instrução												
Analfabeto.....	24	45	78	42	67	(1)	27	51	(1)	35	56	87
Ensino Fundamental Incompleto.....	23	45	60	30	47	44	30	44	70	32	48	66
Ens.Fund.Compl. e Ens. Médio Incompleto..	23	43	48	31	44	41	32	45	56	37	53	62
Ens.Médio Compl. e Ens. Sup. Incompleto...	27	43	54	33	49	47	40	49	66	43	61	70
Superior Completo.....	31	49	55	48	55	49	47	53	60	46	72	65
Experiência anterior de trabalho (composição da taxa de desemprego)												
Com Experiência.....	24	46	57	32	48	45	33	46	68	37	55	69
Sem Experiência.....	18	35	44	30	43	54	31	43	53	32	45	59

Fontes: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED). Elaboração própria.

**TABELA 20 – VARIAÇÃO ANUAL MÉDIA DO TEMPO DE PROCURA DOS DESEMPREGADOS, SEGUNDO ATRIBUTOS PESSOAIS
REGIÕES METROPOLITANAS, 1996/1999/2002/2004**
(EM PORCENTAGEM)

ESPECIFICAÇÕES	SÃO PAULO		PORTO ALEGRE		BELO HORIZONTE		SALVADOR	
	99/96	04/99	99/96	04/99	99/96	04/99	99/96	04/99
Total	22,4	4,6	14,9	-1,3	12,9	7,2	21,3	4,8
Sexo								
Homens	23,3	4,5	15,3	-1,8	12,4	6,8	22,5	5,0
Mulheres	24,1	4,6	13,3	-0,8	11,4	7,7	21,9	4,6
Cor								
Negra.....	25,1	3,3	21,3	-1,7	14,1	6,8	22,5	4,7
Não-negra.....	22,4	4,9	12,9	-0,9	10,6	7,2	15,8	3,3
Posição no Domicílio								
Chefe.....	24,4	5,8	19,6	-2,4	11,9	8,9	20,1	5,0
Demais	22,2	4,0	12,0	-0,9	13,2	6,6	21,3	4,7
Cônjuge.....	24,3	5,9	14,5	-0,8	9,1	9,8	21,0	3,8
Filho.....	22,1	2,8	9,8	-0,5	12,7	5,4	21,2	5,0
Outros.....	24,9	4,0	15,4	-0,5	16,4	5,3	23,8	5,1
Faixa Etária								
De 10 a 14 Anos.....	22,1	1,0	24,2	-	9,6	0,8	10,2	-
De 15 a 17 Anos.....	19,9	-0,7	7,2	-4,1	13,4	1,1	17,5	2,6
De 18 a 24 Anos.....	24,0	2,8	11,3	0,0	13,6	6,4	21,1	4,6
De 25 a 39 Anos.....	20,9	5,5	16,0	-1,2	10,8	7,4	22,5	3,8
De 40 Anos e mais.....	22,7	5,8	16,0	-1,6	8,5	9,6	17,7	5,0
Nível de Instrução								
Analfabeto.....	23,3	11,6	16,8	-	23,6	-	26,5	9,2
Ensino Fundamental Incompleto.....	25,1	5,9	16,1	-1,3	13,6	9,7	22,5	6,6
Ens.Fund.Compl. e Ens. Médio Incompleto.....	23,2	2,2	12,4	-1,4	12,0	4,5	19,7	3,2
Ens.Médio Compl. e Ens. Sup. Incompleto.....	16,8	4,7	14,1	-0,8	7,0	6,1	19,1	2,8
Superior Completo.....	16,5	2,3	4,6	-2,3	4,1	2,5	25,1	-2,0
Experiência anterior de trabalho (composição da taxa de desemprego)								
Com Experiência.....	24,2	4,4	14,5	-1,3	11,7	8,1	21,9	4,6
Sem Experiência.....	24,8	4,7	12,7	4,7	11,5	4,3	18,6	5,6

Fontes: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED). Elaboração própria.

Referências bibliográficas

- BARELLI, Walter, TROYANO, Annez Andraus. Pesquisa de Padrão de Vida e Emprego na Região Metropolitana de São Paulo: População Economicamente Ativa e Situação Ocupacional. In III Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1982, **Anais..** ABEP, 1982, v. 1, p. 11-29. (<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1982/T82V1A001.pdf>).
- BOLETIM PESQUISA DE EMPREGO E DESEMPREGO NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE – PED/RMBH. Resultados do ano de 2004. v. 1, n. 1, Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro. 2005.
- CANTÚ, Margarete. **Mercado de trabalho e reconfiguração do setor terciário na Região Metropolitana de Porto Alegre, no período 1993-2002**. São Paulo: CNPq, 2004. (Relatório de pesquisa)
- FERNANDES, R. . Estratégias de Sobrevivência do Trabalhador Desempregado. In: Chahad, J. P. Z.; Picchetti, P. (Org.). **Mercado de Trabalho no Brasil: Padrões de Comportamento e Transformações Institucionais**. São Paulo, 2002.
- INFORMATIVO – CEI. A origem setorial e ocupacional dos desempregados na RMBH. v. 1, n. 1, Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro. 2004.
- INFORMATIVO – PED RMBH. v. 1, n. 1, Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro. 1996.
- MENEZES, Wilson F; MALBOUISSON, Cláudia. Duração do desemprego na Região Metropolitana de Salvador: mensuração e análise. ANPEC - Associação Nacional do Centros de Pos-graduação em Economia. In: **Anais do XXXII Encontro Nacional de Economia**, João Pessoa, Paraíba, 2004 (<http://www.anpec.org.br/encontro2004/artigos/A04A101.pdf>)
- OLIVEIRA, André Mourthé de, NETO, Antonio Carvalho. Análise do mercado de trabalho da Região Metropolitana de Belo Horizonte no período de 1995 a 2001. In XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2002, **Anais..** Ouro Preto, Minas Gerais: ABEP, 2002.
- QUEIROZ, Eliza Antonia. Reestruturação do setor terciário e impactos no mercado de trabalho da Região Metropolitana de Belo Horizonte. São Paulo: CNPq, 2004. (Relatório de pesquisa)
- RODARTE, Mario Marcos Sampaio; BRAGA, Thaiz Silveira; QUEIROZ, Eliza Antonia de. À guisa de periodização, o desemprego metropolitano recente - 1996 à 2002. In: XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2004, Caxambu. **Anais..** Belo Horizonte: Cedeplar/UFMG, 2004. (http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_669.pdf).
- RODARTE, Mario Marcos Sampaio; QUEIROZ, Eliza Antonia de. As fases e faces do desemprego e da ocupação na Grande Belo Horizonte: 1996-2003. In: **XI SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA**, 2004, Diamantina. Anais.. Belo Horizonte: Cedeplar/UFMG, 2004. (<http://www.cedeplar.ufmg.br/diamantina2004/textos/D04A067.PDF>).
- TROYANO, Annez Andraus, MATTOSO, Jorge E. L. & HOFFMANN, Marise P. O Emprego: Dimensões da Crise. In **IV Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, out/1984, **Anais..** Águas de São Pedro, São Paulo: ABEP, 1984, v. 3, p. 1383-1413. (<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1984/T84V03A07.pdf>).